

BRASIL-PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1901

N.º 64



MAC-KINLEY

Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Norte

EM BUFALO A 14 DE SETEMBRO DE 1901

CONFORME é sabido e como n'uma d'estas revistas tivemos occasião já de contar, todas as colonias da Australia, incluindo no numero a Tasmânia, se federaram n'um grande estado, cujo primeiro parlamento foi ha pouco pessoalmente aberto pelo duque de York, em nome do rei de Inglaterra. A unica colonia inglesa dos mares do sul, que não entrou na combinação, por não ter podido chegar a accordo com as demais — a Nova Zelândia — acaba definitivamente de se pronunciar contra a união.

O relatório da comissão nomeada para dar parecer sobre a conveniência de se juntarem as duas novas-zeleandês a Federação australiana, apresentado recentemente ao parlamento de Wellington conclue por não aceitar a proposta para a federação, com o fundamento de que pelas condições especiais da Nova-Zelândia, esta colonia mais teria que perder do que ganhar com a alteração do *status quo*, além d'isso sem vantagem alguma para a mãe patria, segundo a opinião dos signatários do relatório.

Dizem elles que tanto commercial como financeiramente os interesses dos dois grupos são diferentes, sem contar com as difficuldades administrativas que consigo traria a inclusão no mesmo corpo politico de umas ilhas collocadas a distancia de 1.200 milhas do continente australiano. Além d'isso as condições governamentais da Nova-Zelândia são tão particulares, que os seus estadistas, entregues com affincio ás ousadas experiencias sociais que ali estão empreendendo com inegavel exito, temem e com razão, que qualquer mudança no actual estado de cousas lhes prejudique a obra.

Por todas estas razões e havendo-se o ministerio declarado solidario com as conclusões do relatório, pôde considerarse a inclusão da Nova-Zelândia na federação australiana como questão morta, pelo menos por algum tempo.

O mais curioso é que os adversários da federação sustentam que, rejeitando-a, melhor serve a unidade do imperio britannico, do que os que tentam promovê-la. Dizem elles que, com effeito, oferece muito mais garantias para a Grã-Bretanha a existencia de duas soberanias anglo-axonias separadas, nos mares do sul, do que a de um unico estado. No caso de se levantar qualquer conflicto entre a colonia unificada (na hypothese da federação total) e a mãe patria, ficariam desde logo em contacto, isto é em opposição, os dois interesses, sem uma terceira entidade, que assumisse o papel de mediadora para lhes amiar as divergencias e, se tanto possível, mesmo para os conciliar. Pelo contrario, conservando-se a Nova-Zelândia separada da federação australiana, qualquer das duas colonias pôde representar alternativamente com respeito ao conflicto de uma d'ellas com a metropole este papel.

Foi a ultima argumentação a que, como se vê, prevaleceu. E a Inglaterra teve o bom senso de na questão debitada deixar inteira liberdade ás suas colonias, tanto mais que os dois partidos invocavam a teoria o lema do realismo.

Em tais condições, com uma ou outra solução só tinha a ganhar o imperio britannico, que entrou decididamente na crise definitiva para a sua unificação.

O acontecimento do dia em França é, como bem pôde suppr-se, a visita do tsar. No entanto e não obstante o ruido que em volta d'este facto se faz, principalmente por parte dos ministerios, não passará a nenhum observador perspicaz despercebido que a actual recepção está longe de apresentar a unanimidade, que distinguio a anterior. Então, era a França inteira, que se levantava n'um immenso *hossannah* afim de saudar o monarcha, no qual tantas esperanças ainda se depositavam para uma sonhada desforra. Hoje, é antes de tudo uma recepção governamental, promovida pelo ministerio Waleck-Rousseau em grande parte para sua propria vantagem, como poderosa arma de combate contra os nacionalistas; mas recepção que já encontra no paiz desiludido não só bastantes friezas e retrahimentos, senão também notas accentuadamente hostis, como a da proclamação dos socialistas, que deve tanto mais ter doído ao governo, quanto é certo que é este lado da opinião que elle tem encontrado até agora o seu principal apoio.

E por mais que se esforcem em lhe tirar a importancia, não ha duvida que a attitude dos socialistas ha de calar na opinião. Tem por agora apenas o valor de um symptoma; mas parece-nos este symptoma de tal maneira importante, que lhe attribuímos influencia decisiva no futuro da alliança franco-russa.

É o cado de mais para se escrever a historia do tão falado e tão pouco conhecido accordo. Estão ainda na memoria de todos as hesitações, as cautelas, as meias e veladas palavras com que de principio elle se annunciou por parte da Russia, entende-se, porque da parte da França foi elle sempre ao menos pela imprensa e pelo publico em geral singularmente exaggerado.

Pouco a pouco foram os dois accordados parece que ganhando animo na commum empreza, e ganhando tambem, por consequencia, os respectivos annunciadores da alliança maior mizde e precisão, sem se poder dizer que elles sejam ainda absolutamente claros, ou que se saiba ao certo até onde a diplomacia da terceira republica conseguiu comprometter a favor dos interesses da França a força e a influencia da poderosa Russia.

O que é certo é que até ao momento presente sabe-se bem o que a Russia ganhou com a alliança franceza: apoio para a sua politica no extremo Oriente e, mais do que tudo, a collocação de successivos emprestimos indispensaveis para a sua gerencia financeira, elevando-se na actualidade a uma somma fabulosa o capital francez empregado em fundos russos. Diz-se mesmo, e com certa plausibilidade, que a nova visita do tsar obedece ao secreto intuito de propiciar a opinião

franceza e dispor a para o lançamento de outro emprestimo planejado pelo sr. de Witte.

Assim, as vantagens auferidas pela Russia da sua alliança com a França são raes, positivas e sobretudo palpaveis.

Pelo seu lado e que se veja, o que até agora a França tem ganho com similhante pacto pode resumir-se na renuncia á desforra de 1870, e na humilhação de Fashoda, sem incluir no capitulo dos ganhos e perdas a drenagem continuada dos seus capitães, que talvez em dia não distante se vejam embaraçados para receber os respectivos juros.

E não se diga, que no mysterio das chancellarias existam provas do menos que a França lucrrou com a amizade do tsar. Essa amizade tirou a Republica do isolamento em que se achava depois da guerra. D'accordo, mas quanto a maiores vantagens, as que conseguiu são sabidas de todos. Já lá vai o tempo em que os negocios d'estado podiam permanecer ignorados do vulgo por annos e até ás vezes por seculos. Hoje tudo se sabe, tudo se divulga, e não ha segredo politico, por mais bem guardado que pareça, que resista ás inquirições dos mil *orgas* da publicidade.

Porisso são perfeitamente ridiculas, e quando muito boas apenas para entreter o fogo sagrado do facil patriotismo francez, as confidencias propaladas por uma calculada indiscrição, de combinações transcendentais, cujos effeitos a Europa assombrada ha de ver produzirem se, quando menos se espere, da alliança franco-russa. Crémos que nada d'isso acontecerá, sendo mais provavel que o accordo das duas nações vá continuando pacatamente como até ao presente, pelo menos emquanto a Russia for tendo necessidade de collocar novos emprestimos, e enquanto por outro lado os francezes, apesar de lisongeados na vaidade, não se cansarem da posição de subalterneidade em que, pela força das cousas, elles se encontram com relação á sua poderosa alliaça.

E não é bastante significativo, contribuindo para illuzar os espiritos mais serenos até na propria França, o facto de exactamente no momento da entrevista de Dunckerke o tsar ter promovido ao occidente (o que para o caso vale o mesmo) outra entrevista de todo o ponto analoga, com o imperador Guilherme em Dantzig? Ou os acontecimentos da alta politica são de tal ordem que á perspicacia do resto dos mortaes escapam, ou a entrevista dos dois imperadores é um proposito correctivo á visita de Nicolau II á França, tirando a este acto grande parte da significação que os francezes pretendem attribuir-lhe.

Sobre o assumpto crémos não poder haver duas opiniões. Mais uma vez se denuncia a politica cautelosa da Russia, que, embora se aproveite das vantagens que lhe proporciona no actual momento a alliança com a Republica Franceza, não quer indispor-se com a Triplie alliança, a qual, quem sabe? pode ser a alliaça eventual d'amanhã. Com certeza, porém, não era esta politica de bascula que os francezes entreviam, quando ao troar da artilheria em Cronstadt já se julgavam a caminho para o Rheno a reconquistar as duas provincias, agora sim, perdidas irremediavelmente para sempre, graças á habilidade diplomatica de sua magestade o imperador de todas as Russias, melhor defensor dos interesses de Guilherme II, do que todo o poderoso exercito do *Kaiser*.

Chega-nos n'este momento a noticia de uma tentativa de assassinato na pessoa de Mac Kinley, o qual felizmente parece, conforme os ultimos telegrammas o affirmam, que se salvará. Salve-se, porém, ou succumba, o facto não deixará porisso de ter a mesma gravissima significação. (1)

Faz precisamente um anno que Humberto I foi assassinado em Monza, e já outra victima vêm inscrever-se na funebre lista. E a herança de sangue que o seculo, que começa, recebeu do seculo findo, e que promete pesar como maldição sinistra sobre a civilização da actualidade, empanando-lhe o brilho e offuscando-lhe perante a historia a sua bella irradiação.

Que, se não todos estes crimes, que com um synchronismo aterrador, e sem se deterem por nenhuma especie de punição, vão abtendo successiva e indistinctamente reis, imperadores e ministros, convertendo em verdadeiro calvario as agruras, que já não eram poucas, do poder supremo? A que movel obedecem? E sobretudo, a que causas são devidos?

Que elles revelam doença profunda e grave no organismo social contemporaneo, não ha duvida. Que o mal, que elles denunciam, não se cura, e que não todos estes crimes, que com um synchronismo aterrador, e sem se deterem por nenhuma especie de punição, vão abtendo successiva e indistinctamente reis, imperadores e ministros, convertendo em verdadeiro calvario as agruras, que já não eram poucas, do poder supremo? A que movel obedecem? E sobretudo, a que causas são devidos?

É tempo de pensar a serio no remedio a este inquietador estado de cousas. Mas remedio que ataque a causa do mal e não se limite simplesmente a combater-lhe os symptomas.

CONSIGLIERI PEDROSO.

(1) Depois de escriptas estas palavras falleceu Mac-Kinley. Na proxima revista nos occuparemos d'este importante acontecimento.

EDUARDO PRADO



Eduardo Prado

† em S. Paulo, a 30 de agosto de 1911

UM TELEGRAMMA brutal no seu laconismo, fulminante na sua significação, annunciava no dia 31 do mez passado aos numerosos amigos e admiradores que Eduardo Prado tinha entre nós, a morte d'esse escriptor brilhante, d'esse homem tão profundamente sympathico, d'esse devotado e querido amigo de Portugal! Esta morte é tão subita, tão imprevista, que o meu instincto quasi que se recusa a aceitar a sua realidade!

Eduardo Prado era ainda tão moço, está tão longe da ideia de morte a ideia intensa e viva que conservamos d'elle!

Como é cruel ter de aceitar esta lei implacavel, como é cruel ver desaparecer um a um os que amamos tanto. Morrer ou ver morrer: eis o triste destino humano. São mais felizes os que se vão embora; ao menos esses não assistem ao lento despojar d'esse mundo de affectos, em que um dia a alma se lhes dilatoza orgulhosa e feliz!

Foi n'um dia luminoso de janeiro d'este anno que, sobre o luminoso Tejo, que Prado amava tanto, pela ultima vez lhe apertei a mão, a bordo do *Clyde*, onde todos os seus amigos o tinham ido acompanhar e despedir-se d'elle e de sua esposa.

Lembro-me d'esse dia como se fosse hoje! Nada mais lindo que o céu, que o mar, que a cidade em amphitheatro, que todo esse scenario maravilhoso a que nós, portuguezes, somos indifferentes, que os estrangeiros, e entre esses Prado, consideram um dos mais bellos da terra.

Partia elle para o Brasil, e dir-se-hia que um presentimento de morte lhe amargurava a despedida, tanta e tão funda era a saudade que o seu olhar de nyope, às vezes um pouco triste e sempre tão intelligente, exprimia com desusada doçura!

A bordo, horas depois de partir para sempre, Eduardo Prado sentava-se à meza do seu heliche e escrevia-me:

« Pouco antes do vapor partir annunciou-se uma visita, que já não ponde sair por estar a escada levantada. Vinha n'uma falua. Era o Carlos Mayer.

«...Fui buscar o meu ocular de alcance e quando o vapor começou a mexer-se estava eu olhando para Lisboa, e muito para Santa Catharina. Via na perfeição o telhado do n.º 11 da Travessa de Santa Catharina. Foi depois lentamente vendo a Junqueira, Belem. So alto, perto do moinho de vento, brincavam, vestidas de cinzento, as crianças da Casa Pia. N'algumas hortas havia amendoieiros em flor.

Alegrou-me aquelle annuncio de primavera embora eu deixasse a primavera.

D'alli a pouco Cascaes, a Serra de Cintra muito limpa e direita, à esquerda a Costa de Casparica, depois de passado o Bugio. Começou o vapor a andar mais depressa, a serra de Cintra a ficar mais pequena, e no fundo do Tejo, Lisboa já não era mais do que uma pequena mancha de nevoa. Começou a escurecer e a hora era triste e é preciso um certo habito de partir, e uma certa vontade de não enristecer para a gente poder resistir.

Durante uma ou duas horas ainda fizto longe para nós o fogo intermitente do pharol do Cabo da Roca. «Ultima scintilla da Europa!»

.....
E foi realmente a ultima que elle viu! Sob a phrase velada e sobria quanto tristeza se revela n'esta ultima despedida a Lisboa, a cidade que elle amava como segunda patria e onde hoje, apesar de elle ser estrangeiro, apesar de elle ter vivido pouco tempo aqui, tantos amigos choram com saudade immensa, com magoa bem sincera a sua morte inesperada!

O que era, o que tinha Eduardo Prado para prender a si o coração dos que o conheciam, para deixar na alma dos amigos que privavam com elle um vazío que se não preenche?

Eduardo Prado era um escriptor notavel, era um espirito largo, cultivado e superior, era uma figura complexa e rara, e era, além de tudo isso, uma alma seductora de bondade e doçura.

Pertencia a essa *élite* de que fala Frederico Nietzsche, e a qual elle chama a verdadeira, a genuina aristocracia dos tempos modernos: era um *europeu*.

Todas as civilizações que elle conheceu lhe tinham dado alguma cousa. De todas colheira a essencia e a flor.

A sua educação era perfeita. Fizera-se em Inglaterra, da qual conservou sempre o culto, da qual tinha a comprehensão mais ampla e profunda que d'ella pode ter um latino, e a qual uma só cousa não perdoava: a sua guerra presente com o Transvaal. Conhecia-lhe os poetas, os prosadores, os sabios, os inventores, os economistas, os corsarios, os banqueiros. Falava da Inglaterra com a proficiencia de um *inglez well informed*.

Completara-se essa educação em largas viagens pela Asia — percorrerá até a nossa India — pelo Egypto, pela Allemanha, pela Italia, pela Grecia e n'uma estada em Paris, que durou annos e que só agora se tornara intermitente, porque Eduardo Prado se tinha afficcionado à sua linda casa do Brejão, em S. Paulo, cujas photographias tão desvanecidamente mostrava, e para onde levava a sua bibliotheca — que era uma cousa preciosa e famosa até em Paris — e todos os requintes da civilisação moderna, com electricidade e tudo a que ella se applica!

A sua leitura era tão vasta que assombrava, mas era, sobretudo, tão escolhida e tão admiravelmente apropriada às necessidades do seu espirito, que constituia a cultura mais perfeita que uma intelligencia do nosso tempo pode receber para dar todo o seu fructo e toda a sua flor.

Nunca vi ninguém exemplificar melhor do que elle, que acima da vastidão da leitura, o que importa é a sua qualidade, a escolha d'ella, escolha attenta e methodicamente feita para se transformar em alimento nutritivo e fecundante.

A sua comprehensão era maravilhosa e, como Eça de Queiroz dizia no magistral artigo que lhe consagrou, a *curiosidade* era a facultade principal do seu entendimento, tão apto para entender tudo, tão capaz de tudo apprehender e penetrar.

Dizia Fontenelle que bastava a curiosidade para encher uma existencia humana.

A curiosidade intellectual foi decreto para Eduardo Prado a fonte onde elle bebeu as alegrias maiores da sua curta vida!

Tambem, como o outro, elle podia dizer: *en se lasse de tout, excepté de comprendre!*

Como era curioso de tudo, tudo sabia melhor do que ninguém.

Eu, que o tive como amavel *cicerone* em Paris, posso bem recordar a multiplicidade das suas informações, a variedade e inextotavel serie dos seus conhecimentos em todos os ramos. Era um encanto vaguear com elle por essa cidade magica, de que a maior parte dos *touristes* não veem senão a superficie brilhante, e que elle conhecia a fundo, assombrando os proprios parisienses. Que saudades eu tenho ao recordar essas horas de tão intenso viver intellectual!

Conhecia todos os classicos em todas as linguas em que elles escreveram, mas conhecia tambem todos os modernos que valem a pena de ser conhecidos.

A gente podia indistinctamente pedir-lhe uma citação textual de Shakespeare, uma sentença de Goethe, adequada a que estavamos dizendo ou escrevendo, a analyse rapida de uma theoria de Ruskin, um versiculo do Corão, uma phrase da Biblia, o resumo da vida de um grande homem, uma receita para tirar nodos, um conselho sobre *toilette* ou sobre mobiliario —; e era milagroso ver como aquella memoria, encyclopedica viva, se prestava a todas as interrogações e sabia resolver n'um momento todas as difficuldades dos profanos que o cercavam.

O outro encanto seu, muito peculiar, era o modo por que entendia as pessoas e as raças mais diversas, e se adaptava facilmente aos mais contrarios *mores*.

As suas cartas, que eram uma delicia, mostram isto mais ainda do que os seus livros.

Tenho-as datadas dos mais apartados sitios, e vê-se que de cada lugar onde elle estava, sabia extrahir o que este tinha de melhor, como a abelha diligente sabe extrahir o mel das mais diversas flores.

Aqui está como exemplo e prova do que deixo dito, o trecho de uma carta datada de Gastein, no Tyrol austriaco:

«Melhorei felizmente bastante da minha gotta para poder vir até este valle perdido e lindissimo na sua solidão, onde por muitos annos me habituei a vir começar os meus outonos. Estou ainda um pouco coxo. Não é cousa a muito elegante mas sempre tem algumas compensações. Ainda no outro dia pude dar, sem largar a minha bengala, uma longa volta pela velha Pinacotheca de Munich, revendo com o mesmo enthusiasmo de tantas outras vezes, os Alberto Durey incomparaveis.

«Não imagina como é confortavel o silencio de Gastein, no meio das montanhas cobertas de pinheiros escuros. E ha aqui uma agua que é a vida para os nervosos e *detraqués* como este seu amigo. Havia seis annos que eu cá não vinha. Estou aqui ha uns dez dias e tenho a impressão de já ter revornado *non bail avec la vie*.

«A minha vida em Gastein é a mais sosegada que se pôde imaginar. Pela madrugada uma deliciosa e prolongada immersão na agua incompara-

vel. Volta para a cama, somno até ás 10 horas. Entrada de um tyrolex pittoresco com um cesto de uvas de Méran que são o meu almoço. Chegada das cartas e jornaes de Paris e de Londres, meia hora de passeio e a 1 hora jantar.

Uma fruta azul que foi atrainda viva a água a ferver vem com o seu raminho de salsa na bocca e toda recheada com uma areia de golphinho lheraldico sobre a sua cama de manteiga fresca. Segue-se uma perdis na geleia vermelha e um copo de leite.

«Leitura de revistas e romances. A 7 horas ceta, e reaparição da fruta. A 9 horas almoço com muito frio, debaixo de uma montanha de *edredons*. Haverá nada mais calmo?...»

E digo eu: haverá nada mais gracioso do que esta impressão rapida da vida de uma estação de aguas, n'esse vale do Tyrol, tão pittoresco e elegantemente civilizado?

Quer ter agora o leitor um *instantaneo* da vida inglesa nas altas regiões da riqueza, que é tambem na Inglaterra uma aristocracia, talvez a mais effectiva e real?

Aqui está o bocadinho de uma carta escripta de *Hayes Common*, em Kent, perto de Londres:

«Estive 24 horas em Paris e vim para Londres onde tenho estado sem um momento de descanso tantos tem sido os meus negocios na *City* por onde tenho andado a correr de judeu em judeu.

«Hoje domingo, estou felizmente em casa de um amigo n'este delicioso campo inglês, ainda muito verde, que eu vejo pela grande janella do meu quarto.

«Desde que perdi meu Pae tem sido estes os melhores dias que tenho passado.

«Não ha meio da gente não admirar muito esta vida inglesa, a arte da paisagem d'esta terra, a sensata comprehensão da existencia que a classe esclarecida tem aqui. Como isto descansa de Paris!

«O meu amigo proprietario do parque e dos jardins que cercam esta casa é de uma dynastia de banqueiros. É um homem de cincoenta annos, que faz todas as linguas e tem visitado todo o mundo. Para descansar da danca dos milhões consagra-se a jardinagem: n'esta estação tudo são dahlias e chrysanthemos. O filho é photographo. Das tres filhas uma vai-se casar d'aqui a um mez com um homem da Escocia e chegon ha dias da casa de campo do novo oniro, e cede-se caçando *grouses*; outra chegon hontem de Anvers onde foi desenhar alguns pontos de vista para a illustração de um livro. A mão cuida de tres pequenos *bolys* e dos cavallos. Toda a familia collecciona: consagra-se ao seculo XVII e aqui tudo é Luz X e Pompadour.

«Nas paredes ha poucas gravuras que não sejam d'essa epocha e a vista alegra-se com as bellas aguas-tinctas inglesas d'aquelle tempo.

«Hoje por ser domingo o almoço foi servido por uma das meninas. Os creados descansam. E eu tambem descanso agora ouvindo o silencio d'este dia de outubro.

«O céu podia ser um pouco mais claro, mas a relva é tão intensamente verde que ella só basta para illuminar.

«Quanto não dariam as castellas d'esta redondeza por um pouco de bello sol meridional de que a esta horas está gozando o mais pobre mendigo do Algarve!...»

Como este, quantos outros trechos deliciosos de cartas eu podia citar, escriptas de Paris, de Londres, de Venezia, cidade dilecta d'esse scismador um pouco preguiçoso apesar de viajante intrepido, das Bocas de Cattaro, de Florencia, que elle entendia tão bem como a voz Ruskin, de Marienbad, eu sei! de toda a parte! Uma de Cettigno (Montenegro), não resisto a cital-a, porque o logar d'onde ella é escripta ainda lhe acrescenta o sabor original!...

«Ha dias escrevi-lhe de Venezia. Esta vai hoje da pequena corte montanhosa do príncipe Nicolau onde os tyrolexes agora procuram mulheres (para casar, bem entendido) e onde os fantasistas, como eu ás vezes sou, veem procurar um pouco de novidade.

«Aqui aqui é um pedaço da cidade media que o tempo se esqueceu de destruir, e que os montenegrinos não deixam desmanchar porque respondem valentemente, a tiro e a chupa, ás pretensões christãs dos austriacos, e ás mussulmanas dos turcos.

«Antes de eu aqui chegar correu a costa da Dalmacia e da Illyria. É um sonho. E' quasi a Grecia.»

Vê-se bem como elle *sentia* tudo! Que magnifica imaginação, ao mesmo tempo espelho crystalino, onde todo o Universo — homens e cousas — se reflectia com nitidas arestas de maravilhosa limpidez, e amplo reservatorio, onde ficava guardada a memoria de todas as sensações recebidas, a imagem de todas as formas pittorescas, a impressão de todas as ideias suggestivas e bellas.

Eduardo Prado tinha visto e amado tudo, e saber *vêr e amar* cada cousa em si — as mais diversas, as mais contrarias — imprime já um cunho de rara superioridade em quem possui este dom magnifico, talvez de todos o mais rico em delicias do espirito!

Os seus olhos tinham reflectido os mais estranhos aspectos; entendia a belleza essencial, o sentido mysterioso e occulto de cada um d'elles.

Elle viria os templos monstruosos de Carnac, as grandes Pyramides do Deserto; mas viria tambem o Parthenon perfumado as suas colunas perfectas sobre o céu fino e azul da fina Grecia.

Entendera a magestade de Miguel Angelo, e a graça fluida, um pouco ameadada, das estatuetas de Tanagra; admirára e *sentira* a Venus de Milo e a *Esa* de Rodin; viria correr na cidade gentil do *Lys Vermelho*, o Arno serpentina, ás margens do qual scismaram Dante, o Vinci, Brunelleschi, Donatello, e assentára-se á borda do mysterioso e agusto Nilo, vendo os ibis cor-de-rosa recortar com o vôo pesado, o ether vibrante feito de chamma e luz...

Se Florencia o seduzira com tudo que ella tem de encanto delicado e ideal, não o seduzira menos a aldeia bavara onde fóra vêr repre-

sentar a Paixão de Nosso Senhor (sendo hospedado segundo elle dizia em casa de Poncio Pilatos) ou a collina sagrada, Méca dos novos crentes, onde a trilogia de Wagner, ouvida religiosamente, lhe causara uma intensa commoção artistica de que vibrou longo tempo.

Escriptor, a sua obra até aqui fóra — quem tal diria! — mais politica do que artistica, porque este homem extranho era feio de taes contrastes que chegava a desnoitear quem bem quizesse defini-o.

Sendo preguiçoso como um lagarto, era uma especie de judeu errante da lenda, como estamos vendo. Sendo um espirito tão culto e philosophico e *many-sided*, tendo ou parecendo dever ter, aquelle pessimismo calmo que colloca o que o possui muito alem das vãs theorias e das vãs agitações dos homens, era um politico de systema, intransigente, um monarchista — o ultimo talvez — do convertido Brasil.

Tendo a curiosidade, o conhecimento intimo de todas as formas religiosas, sabendo como em todas e ansiosa e vã a aspiração sublime de communisar com a Viva essencia das cousas, sabendo como oscilla e treme em face do mudo chynza dos céus a alma profunda do hindu, a alma ardente do mahometano, a alma obscura e secularmente triste da triste raça negra; tendo estado a fundo as philosophias, as religioes, as innumeradas, as incontáveis maneiras pelas quaes o homem illude ou nutre a sua ancia do infinito — elle desenganado, e sabedor, tornara-se ultimamente um catholico exaltado a maneira de Loyola, seu heroe e assumpto do seu persistente e apaixonado estudo.



Eduardo Prado

(Vestido de frade)

esthetica e decorativa de Chateaubriand, valiam muito pouco.

Elle era — ja se vê em theorica — catholico como é logico que se seja, sem sophismas, sem tergiversações, sem symbolismos. Não recuava, quando com elle algum discutia, diante de nada!

Para elle o catholicismo devia acceptar-se como certos republicanos acceptam a grande Revolução: em *bloco*.

Não admittia o erro, não admittia a fallibilidade de uma unica das ideias que constituiriam o grande mundo catholico. Acceptava o com iniquição, com morticínio de Albigenes, e de *Lollards*, com extermínio da heresia a ferro e a fogo, como Hildebrando e com Torquemada, com tudo que houve de grandioso e terrivel no seu passado historico.

Seria um catholico praticante? Creio que era. Intellectualmente não conheci ninguem que o fosse com mais intrepidez e mais absolutismo.

Eduardo Prado escreveu um estudo luminoso, quasi prophético sobre a situação politica do seu paiz, que publicado na *Revista de Eça* de Queiroz, logo atrahiu para elle a attenção de todo o Portugal e de todo o Brasil.

Escreveu depois outro pamphleto politico de largo alcance, intitulado a *Illusão americana*, mas era agora que, admiravelmente preparado, como vimos, elle ia começar a sua missão de historiador.

Tinha em preparação umas poucas de obras, e uma d'ellas, a respeito de Ignacio de Loyola, que elle estudava com o amor de um psychologo penetrante e de um avido perscrutador de almas e de consciencias.

Que pena pensarmos que nenhum d'estes bellos trabalhos está publicado ainda!...

Falei do intellectual, do erudito, do viajante, do artista que era Prado. Mas seriam bem incompletas estas ja de si defeituosas notas, se eu não falasse tambem do homem affectivo e bom que elle era como ninguem!

A sua faculdade de se affecioar, de se prender, era extraordinaria. Tinha, no fundo portuguez da sua raça, aquelle toque de amoravel ternura que é só genuinamente brasileiro.

Precisava de uma casa amiga onde fosse recebido, não como hospede, embora bemvido, mas como irmão.

Em Paris a casa que elle, durante annos, quasi quotidianamente

visitou, era essa casa de Neuilly de deliciosa memória, essa casa hospitaleira, encantadora, onde se ouvia a palayra scintillante de Eça de Queiroz, a voz doce, melodiosa e pura da sua incomparavel mulher, e o chirear doído de umas poucas de creanças adoráveis.

— «Não posso continuar a viver em Paris quando o Queiroz se fór de cá» — dizia elle.

E não viveu lá mais. Morreu a pouco mais de um anno de distancia aquellos que em vida unira o mais desvelado affecto. Em Lisboa era a pequena casa de Santa Catharina, a que elle tanta vez se referia, que mais longamente lhe prendia as tardes e os serões. Prado falava pouco, mas tudo que dizia revelava aos entendidos que *era* *algum* *aquelle* que proferia essas curtas e preguiçosas phrases a *l'emperte pique* em que sabia julgar uma situação, um facto, um individuo! A sua bondade, a doçura do seu tracto, a graça e a finura da sua critica, a profunda comprehensão que denunciava cada um dos seus conceitos, a elegancia ultra-civilisada da sua educação, a cultura superior do seu espirito, a sympathica bonhomia da sua pessoa — tudo isso se fundia em conjunto harmonioso, e dava a essa figura atraheinte um encanto muito singular.

O melhor elogio que pôde fazer-se de um homem consiste nas lagrimas que a sua morte faz verter.

Muitas pessoas, n'este cantinho do Occidente que era tão amado por Eduardo Prado, choraram ao receber esse telegrama fatal — unica noticia que ainda tivemos da sua morte em plena maturidade de vida e de talento, na hora talvez em que a sua fama de escriptor ia subir mais alta e espalhar-se em maior evidencia!

Morreu no seu Brasil que elle amava tanto apesar das longas ausencias que lhe fazia.

E para que no Brasil saibam quanto elle sentia bem os seus aspectos de belleza, acabo este artigo que escrevi com os olhos cheios de lagrimas e o coração apertado de indizivel saudade, arrancando a uma das ultimas cartas que tenho de Eduardo Prado deslanchando descripção de Pernambuco, aonde elle chegava a 1 de fevereiro ultimo, na sua volta ao torrão patrio que para sempre guarda agora esse inquieto e incansavel peregrino que a vista do largo mundo tanto interessava e divertia!

«É uma das cousas mais bellas do mundo a vista do Recife de Pernambuco, tal a pôde ver quem do mar vier chegando, por um dia bem calmo como o de hoje, quando o mar está manso e verde com a sua grande franja branca de ondas, que se quebram contra o Recife.

«É quando os remadores bronzeados e herculeos largam o passaveiro no ponto do desembarque debaixo da frescura das arvores da terra, a sensação é deliciosa.

«É bem interessante é sempre o passeio por aquella cidade clara e limpa à beira de lagunas, de rios, de canaes, muito branca, muito socogada, com as suas casas de azulejos e de telhados vermelhos.

«Os holandezes deixaram aqui uma parte de si proprio.

«Nunca passei por Pernambuco em pleno verão como hoje.

«Não se imagina que orgia de luz, de fructos multicores, de flores e de passaros!

«É como são admiraveis estes fructos! As frutas tropicaes são as unicas que tem caracter; têm cor, têm cheiro, e têm gosto accentuado.

«Cinco d'estas frutas mais que da insipidez das frutas do Norte das quaes a mais conhecida é a maçã.

«Hei um grande passelo pela cidade. Li os telegrammas da Europa todos cheios da morte dos dois velhos. Victoria e Verdi de quem se viam retratos por toda a parte.

«Estamos entrando no porto da Bahia. Partiremos esta noite e no dia 5 poderemos estar no Rio.»

E' esta quasi que a ultima carta que recebi de Eduardo Prado, uma das singularidades do qual consistia em escrever muito de toda a parte menos das suas casas de habitação definitiva em Paris e no Brasil.

Dir-se-hia que esta perda subita de um amigo muito querido veio como que avivar a saudade sempre pungente de tantos amigos que morreram já, e alguns dos quaes, como Oliveira Martins, Sousa Martins, Eça de Queiroz, foram chorados profundamente por Eduardo Prado, que a todos tres conhecia intimamente, que para dois d'elles foi como um irmão extremoso.

Os portuguezes que o conheceram, lamentando a sua morte tão prematura e conservando a sua memoria tão sympathica, não fazem mais do que pagar uma divida de coração a quem foi tão bom, tão dedicado amigo da nossa terra!

Como elle nos entendia bem!... Quando diante d'elle nós faziamos as costumadas lamurias sobre o *estado do paiz*, a *degeneração do paiz*, as *difficuldades do paiz*, elle costumava responder com o seu ar de bonhomia impagavel:

— «Não se afilljam assim! Portugal tem vivido em crise desde o tempo de Alfonso Henriques...»

E d'este dito de bondosa ironia ressaltava toda uma theoria a respeito da nossa raça e da nossa nação!...

E' que melhor do que a nós proprios nos conhecemos nos soubera elle ver e apreciar!

Sabia, por nos ter estudado com aquella *imaginação sympathica* de que fala Taine, e que é o melhor meio de entender a alma de um homem ou a alma de uma raça, — que a nós, individuos e nação, uma estranha dualidade nos caracterisa. Temos o desalento prompto, e rapida e vigorosa a reacção.

Temos sempre a dolorosa certeza de estarmos à beira de um abysmo, e ao mesmo tempo a energia quasi involuntaria, a surda persistencia instinctiva, que nos salva da final subversão.

Nunca nos sentimos seguros e firmes; e nemhum dos lances terribes por que temos passado, nenhuma das crises nacionaes que atravessamos, foi capaz de destruir a integridade ingenua do nosso ser nacional.

E era isto mesmo que Eduardo Prado traduzia na synthese despretenciosa e profunda da sua phrase.

Quando elle partio agora para o Brasil levava a ideia de voltar para Lisboa e de estabelecer-se aqui.

Vivera tanto pelo espirito, pelo inquietação das longas viagens, pelo movimento das capitães babilonicas, que invejava agora o descanso da nossa cidade pacata, mea adormecida, sob o azul céu, em face do Tejo azul.

A Morte desfez todos estes planos. Pobre e bom amigo! Não o veri mais! Não tornará a deliciar-me o espirito a sua conversa tão variada, tão cheia de cousas, tão interessante e suggestiva, mas sinto não sei que amarga consolação, não sei que extranha e melancolica doçura em prestar esta homenagem, embora mesquinha, à sua memoria, em dizer aqui o que nunca lhe disse em vida, em pagar assim uma bem diminuta porção do muito que lhe devi em dedicada e carinhosa amizade.

O meu caminho é sombreado por dois renques de cyprestes! Como é triste pensar em tantos amigos que partiram e não voltarão mais!

Gascoas, 9 de setembro, 1901.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



D. Maria Amalia Vaz de Carvalho
Photographia de um quadro a óleo do pintor Galgado

Raul Mesnier e o seu elevador de Santa Justa

NESTA obra monumental, que está revelando muita actividade, muito estudo e muita habilidade, obtive Raul Mesnier as suas esporas de ouro; por isso quando, o illustre engenheiro foi levado de cabeça descoberta por sobre o viaducto, acabado de collocar, no entusiasmo da estrondosa salva de palmas que o acolheu, nos bravos com que o saudaram, em todo esse delirio, vibravam ao unisono os corações de todos os espectadores.

Vendo aquella enorme massa de ferro entrar lentamente em movimento, gyrando sobre gonzos, sob o poderoso esforço dos cadernaes, que trabalhavam na torre e no predio fronteiro, a ninguém deixou de calar profundamente no animo que o acerto da concepção corria parrelhas com o arrôjo da execução.

O viaducto, com os seus 23.302 kil., articulado na carlinga, remate superior do pilar; este com 23.245 kil., articulado ao socco; um peso total de 46.638 kil. sujeito a duas rotações; o gigante metalico a mover-se, mudando a cada passo a posição relativa das duas partes, até que, apuramado o pilar, o taboleiro assentou nos encontros, ficando á altura de 24^m,89 sobre a rua Nova do Carmo; eis o espectáculo, cuja grandezza sobejamente está attestando a eloquencia d'aquelles algarismos.

Não era, porém, o peso, ou a altura, representando numeros importantes já, mas muito excedidos n'outras construcções similares e diversas, o principal attractivo; cifrava-se este no processo seguido para o lançamento, inteiramente novo e que, portanto, veio



RAUL MESNIER

empregado e, que ellas fôram bem aproveitadas aqui é facto que a todos se impõe e todos admiram.

Um defeito qualquer na construção e nem cem olhos, sabendo vêr e vigiando incessantemente durante o periodo d'ella, nos dariam a certeza plena de se evitar; imperfeição nos materiaes empregados e que bem podia ter passado despercebida; falta de resistencia do solo, produzindo curvatura no eixo inferior, pelo menos desviando-o do paralelismo, que deve manter em relação ao outro; oscillações, não corrigidas de prompto, nos cabos da montagem e ao fazer-se esta; mil causas diversas, na apparencia insignificantes, podiam em obra de tanta monta, a despeito de estudo, trabalho e vigilancia, ser um escolho, em que naufragasse o ousado empreendimento.

O bom exito, corpondo os esforços dos constructôres, veio confirmar-lhes creditos, que um revez nem sempre negaria; tantas, e tão variadas, eram as causas, que n'este difficil e supremo lance vinham pôr em contigencia a operação.

Era o que todos sentiam e por isso, quando ao soar o silvo estridente do apito, gente a postos, reteados os cabos, principiou a faina do arranco, come-

çámos a enxergar nos sombiantes uma vaga inquietação, pouco a pouco dissipada á medida que o viaducto, inicialmente a prumo, foi obedecendo aos cadernaes que o sollicitavam, como um navio ao leme, e a extremidade mais alta, ponto para o qual convergiam principalmente as attentões, la descrevendo lenta e magestosamente a trajectoria.

Começando em pavimento, inferior de 7^m,03 ao d'aquella rua, para se erguer, apesar d'isso, a maior altura que o viaducto, a torre, formada de duas partes, cortadas pelo eixo d'este, tem seis banços possantes, projectando-se em planta nos vertices e pontos medios, respectivamente, de dois lados oppostos de um rectangulo.

Nove carlingas, de 0^m,850 de altura, ligam os banços consecutivos, formando-se assim nove andares, de 4^m,560, por fazendo a altura de 41^m,04 e sendo o ultimo destinado á installação mechanica. O conjunto



A ponte e o pilar no momento de começar a manobra

marcar uma nova data nos annaes da moderna engenharia, em que abundam os processos e são sem conto as obras construidas.

De ordinario arma-se a viga n'uma das avenidas da ponte, ou viaducto, e sobre caixilhos de rodetes, movida a braço de homem por meio de poderosas alavancas, corre de um a outro extremo do vão; é este o processo de lançamento, propriamente dicto e que foi empregado em Lisboa no viaducto do elevador de S. Francisco.

N'elle tem o metal trabalho superior ao resultante das maiores cargas, que é destinado a sustentar.

Varios outros processos ainda ha e não posso deixar de me referir aqui ao de Seyrig na ponte Maria Pia — o da construção em falso por um systema funicular muito engenhoso — que tambem tivemos o prazer de vêr pela primeira vez.

Ao festejarmos a conclusão da ponte Maria Pia, ou a do viaducto de Santa Justa, não saudámos simplesmente em Lisboa, ou no Porto, dois arrojados engenheiros pelo acerto da execução, mas a inauguração de dois processos novos, o primôr dos seus projectos.

A grande torre destinada aos elevadores, a que o viaducto dá accesso, já muito adiantada, bem como a existencia de um unico pilar móvel, suggeriram e vieram dar razão de ser a este lançamento, o qual só em circumstancias muito excepçoes pode ser



A meio caminho — Parte superior

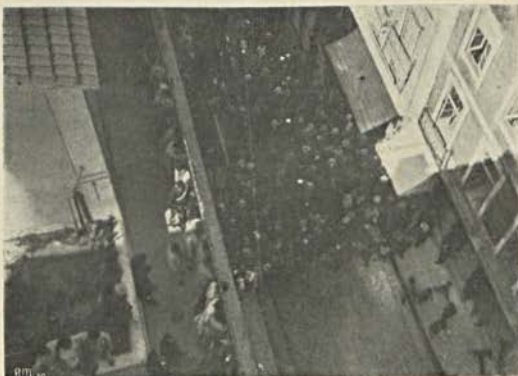


A meio caminho — Parte inferior

tem coroamento elegante, e em espaço superior convenientemente disposto, vai ser estabelecido um café; cada parte da torre, destinada a elevador, é de secção quadrada, medindo esta 3^m,800 de lado. As duas partes, ou torres distintas, possuem de common os banzos intermediários, mais reforçados que os outros e mantendo entre ellas a distancia de 0^m,640.

Os rectangulos das faces nos diversos andares são preenchidos por folhas metallicas, abertas e ornamentadas, ás quaes servem de caixilhos os banzos e carlingas.

O viaducto tem dose carlingas, tres longrinas e contraventas.



Aspecto da rua do Carmo vista a toda a altura do elevador, na occasião do lançamento da ponta

mento de cruces de Santo André, medindo de altura sobre o pilar 1^m,740, nos encontros: 0^m,540; 13^m,0 de comprimento, da testa do Carmo até o pilar, e 12^m,187 d'este até á torre. A grade, formada de montantes, corrimão e painéis de phantasia; a largura de 3^m,130.

O pilar tem entre as articulações 24^m,640, largura de 3^m,330, dois banzos e seis carlingas, das quaes a inferior, mais reforçada, apresenta o comprimento de 7^m,350, granddo sobre o socco de ferro coado.

Emfim, a torre deve attingir a altura de 60^m e em toda a obra devem-se consumir 300 toneladas de ferro.

Foi no elevador do Bom Jesus, de Braga, iniciada a carreira de Raul Mesnier e revelada essa vocação, que tão brilhantemente se affirmou depois.

N'este dia solemne, tão cheio de esperanças e apprehensões, acabado com tanta gloria, quantas vezes não lhe teria vindo á lembrança o arrojado da primeira obra?

Deve-se-lhe uma já extensa serie de melhoramentos publicos, a que vinculou o nome e onde aderiria a aura de que merecidamente goza.

No gabinet, onde estuda os projectos; nas laborações da officina, e nesse meio operario, em que muito se comprou de viver e onde por muitas vezes tem encontrado nivel moral mais alto do que n'outros erroneamente supostos de maior cotação; no campo em que executa as construcções — a sua actividade asombrosa tem-se expandido sem tibiça nem descanso.

Não se lhe tem, infelizmente, manifestado só n'esta area os lampejos da intelligencia e os prodígios da vontade, forçado, como é, a sahir d'ella; ora atrahindo capitães naturalmente esquivos ao tratar-se de empresas; ora vencendo attrictos de funcionarios ou de particulares que não menos tem de atrahir.

Luctando sempre, sempre confiado na sua estrella, não ha vez que lhe quebre o animo!

Quizeram os Medieis, despreocupados do muito valor proprio, remontar a ascendencia a passado fabuloso e esculpiram nos braços a clava de Hercules, como se elle realmente tivesse sido dos seus maiores. Divagando pelo olympo pagão reconheceram que nem aquelle deus, nem o proprio Vulcano com os seus Cyclopes, deram em materia de engenharia coisa de getto.

Se Raul Mesnier quizesse arranjar fabula heraldica, consoante com os seus titulos e brios, a mythologia seria livro fechado para elle; tem, pois, de se limitar ao muito que é.

Como premio de consolação será conveniente dizer-lhe que os zoologos deram o primeiro e incontestado logar á nossa especie nas suas classificações; e mesmo criterio, dentro d'ella applicado, eleva-o-ha mais alto do que a clava de um deus façanhudo, de que só resam hoje livros velhos e lapides mutiladas.

A Raul Mesnier, aos seus intelligentes e arrojados operarios; mais um — bravo!

L. F. MARRÉCAS FERREIRA.

Uma historia dos tempos romanticos

O pintor de Weimar

— Sim minha senhora, ha dez annos que não ponho os pés na casa de meus paes. Tinha quinze annos quando a deixei; desde então tenho vivido na Italia e na Alemanha, não me sentindo bem em parte alguma, sempre inquieto, sempre aborrecido, sempre preocupado com as minhas obras que estão bem longe de me satisfazer. O ideal na arte e na affeição tornou-se inimigo meu, persegue-me, atormenta-me. Queria produzir uma obra immortal, raphaelica, sublime e não o consigo. Acabo um quadro; todos o admiram, e eu desenho logo n'elle um sem numero de defeitos que não procuro occultar. Depois entrego-me a mil devanios, sonho e medito enquanto os meus rivales procedem e intrigam para me vencer. Encolero-me e indigno-me de uma injustiça como se não fosse a cousa mais natural entre os homens. Uma affeição profunda, intima, consolar-me-hia, mas procuro-a e não a encontrando entranho-me cada vez mais n'este isolamento que sinto até no meio da sociedade.

O rapaz que assim falava dava o braço a uma senhora edosa. Era de elegante estatura e os cabellos um pouco compridos, cahiam-lhe despretenciosamente sobre a fronte pallida. Levava o chapéu na mão, expozendo a cabeça artistica á fresca brisa da tarde tão agradável depois de um dia de calor. A sua phisionomia era triste e cansada, mas o brilho scintillante dos olhos trahia a chama intima que o devorava.

A senhora edosa apoiava-se decaçadamente sobre o seu braço e parecia interessar-se pela conversa. Junto d'elles ia uma menina de uma belleza deslumbrante; talhe esbelto e flexivel, muito elegante, em cada um dos seus movimentos se lhe revelava novo encanto. Um esculptor encontrar-lhe-hia talvez algumas incorrecções no rosto, que em nada se assemilhava a esse modello antigo que a mediocridade dos pintores vulgares reproduz frequentemente, mas o conjunto harmonioso das feições, a belleza escultural das formas, a expressão encantadora da phisionomia e um não sei quê de fatal e de mysterioso gravado na sua fronte tão bella, tornavam-a uma creatura ideal, doce, suave, arrebatadora, uma alma meiga e terna sob um aspecto tímido e receoso em face do mundo. Ella caminhava com a cabeça um pouco inclinada para a frente. Muito ao longe vinha a encosta de planícies de axax ematizadas de cerros, onde se immensidade de ruínas se destacava da paisagem illuminada pelos reflexos phantasticos do crepusculo.

— O senhor é na realidade digno de compaixão, disse a senhora, edosa; a menina arranjava ligeiramente o veu agitado pela brisa.

Acontece-me passar mezes inteiras encerrado no meu atelier, vivendo unicamente das ficções do meu coração; então sou feliz por me ver rodeado dos seres que o meu coração idealisa, amo e sou amado sabendo todos que me conhecem o quanto sou impressionavel e susceptivel, e não posso comprehender que ataquem um homem tão inoffensivo como eu. E contudo, tenho dado provas de energia quando me revoltou contra tanto despotismo e a minha palavra torna-se então incisivá, caustica, mordaz, constringendo e embarçando os gracçadores. Depois fico tranquillo, calmo e com o coração sequioso de amor, um coração rico de affeições ternas, profundas, exaltadas.

— E deixou Vienna? perguntou a senhora edosa.

— Vou a Nemiar visitar meu pae que não vejo ha dez annos. Minha familia abandonou-me por eu querer ser pintor. Envergonharam-se de mim e nunca mais escreveram. A solidão em que tenho vivido tem-me irritado o caracter e atropellado as ideias, e por isso não vou regressar ao meio da minha familia... Mas quanto mais me approximo de Nemiar, mais triste me sinto. Receio que a fatalidade me não abandone tão pouco na casa paterna, onde não entrarei, talvez, sem ser ferido por nova desgraça.

— Não pense em tal, augente tais ideias, o senhor tem muito talento e sua familia perdoar-l'ho ha por certo.

A menina, sempre silenciosa, abaixara de todo o veu. Os ultimos raios do sol poente lançavam uma pallida claridade sobre as verdes campinas.

Tinhão parado, os tres, admirando esse esplendido quadro, bello, magestoso, cheio ao mesmo tempo de melancolia e serenidade.

— Oh! que soberbo panorama! exclamou o pintor, tudo é amplo e simples na natureza. Ella é o eterno desespero do artista. E' o infinito. E' Deus! Tudo o que se emana de nós, homens, é fraco e imperfeito. Só a sima domina e despreza o que produz, auxiliada por medianoires insufficientes... Mas o amor participa da immortalidade nas almas puras, o amor approxima de Deus.

A menina olhava para a diligencia, que vinha já perto, e tremia um pouco. Subiram para o carro, onde não havia mais passageiros. A senhora edosa assentou-se a um canto onde pouco depois dormia socegradamente. O pintor procurou travar conversação com a menina, mas esta, a breve trecho, adormecia tambem.

A lua acabava de apparecer e a sua luz maliciosa penetrando na diligencia illuminou-lhe o encantador semblante. Elle não ouzava acordar-a e faltavam apenas duas leguas para chegar a Weimar. Ainda apenas horas que viajavam juntos e, ao contemplar-a,

sentia trasbordar-lhe o coração de ternura, estremecia e suspirava. Ella ia para uma pequena cidade a trinta leguas de distancia; elle dirigir-se-hia tambem ali depois de ter abraçado sua familia. Como pensar em nunca mais tornar a vêr essa encantadora creatura? Seguil-a-hia.

Durante o somno da menina, pareceu-lhe vêr duas lagrimas deslizarem-lhe ao longo das faces, e estatico, com o coração palpitante de emoção, cantou a meia voz estas ingenuas e melancolicas estrophes:

Votre soive est suave et tendre;
Et votre prière j'ai foi;
Je souffre, et Dieu peut vous entendre...
Quand vous priez, priez pour moi!



Os carros electricos de Lisboa

Ce mal dont je meurs en silence,
Il le faut renfermer en soi;
Mon secret de mon cœur s'élançe...
Quand vous priez, priez pour moi!

Si je parlais, votre visage
P'eût être en pâilrait d'effroi;
A vous le calme, à moi l'orage...
Quand vous priez, priez pour moi!

On dit que deux âmes qui prient
L'une pour l'autre en même foi
Dans l'éternité se marient...
Quand vous priez, priez pour moi!

Depois, pegou em uma das mãos da bella adormecida e tirou-lhe com a maior precaução um anel do dedo. Esta fez um pequeno movimento mas não accordou... ou pelo menos não abriu os olhos... Então, desvaireado, louco de paixão, metteu-lhe no dedo um anel simples, parecido com o que lhe acabava de roubar ou que ella lhe concedia por intermedio d'esse somno prolongado e cumplice.

— As nossas almas uniram-se, murmurou o pintor ao ouvido d'ella. Um estremecimento e um suspiro vieram perturbar esse somno tão calmo, mas a diligencia rodava já pela estrada de Weimar, onde parou à porta do hotel.

As duas senhoras despediram-se do seu companheiro de viagem e entraram para os seus quartos. Uma emoção visivel notava-se na phisionomia da mais nova.

O pintor entrou no seu quarto e abriu a janella que dava para o pateo do hotel, decidido a seguir aquella a quem se tinha ligado por um casamento mystico.

— Ninguém pôde separar-nos, pensou elle, as nossas almas estão unidas por um laço indissolúvel.

Veiu despertado d'esse sonho o ruido de uma carruagem tirada por quatro cavallos, que entrára no pateo, e de onde desceram dois homens que, poucos minutos depois, tornaram a subir acompanhados pelas duas senhoras. Era ella?... sim!... Pareceu-lhe vê-la pallida, tremula, debruçou-se á portinhola do trem, e depois desapareceu na sombra.

Elle ficou só e bem só... nunca havia experimentado tal sensação, nunca a solidão lhe tinha parecido tão triste, nunca — oh nunca! — o sentimento da vida parecia tão abandonado assim.

No dia seguinte montou a cavallo para casa de seu pae. Havia tres mezes que este a tinha vendido e o novo proprietario ignorava a residencia do vendedor.

Um amigo vem dizer-lhe o nome da cidade em que seu pae se achava. Soltou um grito de surpresa, ao ouvir esse nome!

— Tu vae assistir ao casamento? perguntou-lhe o amigo

— Ao casamento?!

— Sim, teu pae está para casar com uma menina extremamente formosa.

— Para casar!

— Talvez já casado a estas horas...

— Casado!

— Elle foi esperal-a a Weimar.

— Quando?

— Ontem.

— As duas horas?

— As duas horas da madrugada.

— Em uma carruagem tirada por quatro cavallos?

— Sim.

— Desgraçado! E sahio immediatamente correndo como louco. A' noite, partiu para a cidade indicada onde chegou em um estado de agitação indescriptivel, morto de fadiga e com o coração despeçado pela dôr.

Seu pae estava no campo. Um cavallo depressa! E corre, vêa ao encontro do seu infortunio, ferindo com as esporas os flancos do cavallo.

Emfim, chegado, um criado antigo reconhece-o com dificuldade.

— Meu pae?

— Está junto da senhora.

— Casou-se!

— Esta manhã.

A' janella assomou então um rosto feminino.

— Quem é aquella senhora?

— E' sua madrastra...

O desventurado moço soltou um grito horrivel e montando a cavallo partiu n'uma carreira desordenada.

E nunca, nunca mais transpoz o humbral da casa paterna.

GUSTAVO DRONINKAU.



Egoismo e desinteresse, em doses eguaes, em dois corações. E' into o amor. Extranha harmonia!

VICTOR DE SWARTE.



Os carros electricos do Porto

O que, em politica, se chama ganhar tempo é muitas vezes perd-o.

A. DE BROGLIE.

A razão não é muitas vezes mais do que a arte de evitar a felicidade.

HENRI MURGER.

O medo dos ladrões é o começo da riqueza.

VICTOR TISSET.

O homem sensato é cheio de indulgencia para os ridiculos que divertem, a sociedade para os vicios que fazem soffrer.



Os carros electricos de Madrid

O attentado contra Mac-Kinley

No dia 6, quando o presidente dos Estados-Unidos visitava a exposição Pan-americana, de Bufalo, um individuo aproveitandose do uso da *shakhand*, proverbial na America do Norte entre o chefe do Estado e os seus cidadãos, estendeu-lhe a mão direita, ao



O ultimo retrato de Mac-Kinley

passo que, com a esquerda, desfachava-lhe, quasi á queima-roupa, dois tiros de revolver. A primeira bala bateu-lhe ligeiramente no *sternum* mas a segunda perturbou-lhe os dois involucros do estomago, alojando-se ahi. Teve de se lhe abrir o abdomen mas a bala não foi extrahida, e os medicos depois de lhe coserem a pontos naturaes as feridas do estomago, declararam que nenhuma d'ellas era mortal e que esperavam salvá-o.

Mas o coração estava gasto como o de todos os que trabalham e soffrem, e foi o coração que ao fim de dez dias de esperanças infundadas dos que o cercavam o matou, em plena posse do seu cerebro. Sete horas antes de exhalar o ultimo suspiro despediu-se da sua mulher, com quem conversou alguns minutos recommendando-lhe serenidade para supportar a sua morte.



Lady Ida Mac-Kinley

alguns minutos recommendando-lhe serenidade para supportar a sua morte.

Mac-Kinley

pertencia a uma familia irlando-escoceza e tinha hoje 60 annos. Começou a sua carreira alistando-se n'um regimento de voluntarios federaes, com o qual entrou com valentia e ardor na guerra da successão. Em pouco tempo, graças á *sympathia* de Lincoln estava major, e major ficou toda a vida para sua esposa que ainda hoje assim o tratava. Já major, estudou direito, mas o dinheiro escasseava-lhe e teve de entrar no commercio de comissões, que pouco depois lhe levou o pouco que tinha. Conseguira no entanto uma commissão honrosa com os credores, e estimado como era em Ohio, breve alcançou certa popularidade que em 1877 lhe entregava o diploma de deputado ao congresso. Ahi fez-se chefe do partido republicano e defendeu um vasto programma politico, cujo ideal enthusiasmo os norte-americanos porque consistia na preponderancia dos Estados-Unidos nas duas Americas e no mundo velho. Em 1893 foi afinal eleito presidente em substituição de Cleveland, e em 1900 reeleito depois de uma administração de quatro annos que terminava com a victoria extraordinaria das armas *yankées* em Cuba e nas Philippinas.

Quando foi ferido, o presidente visitava sosinho a Exposição. Um negro, criado de um dos restaurantes, é que primeiro agarrou o agressor que entregou logo á policia a qual, não sem custo, conseguiu livrá-lo das iras populares.

Declarou então chamar-se Czogolsz. E solteiro e tem irmãos em Cleveland. Não ter cumplices e haver procedido augmentado pelas theorias da celebre propagandista



Emma Goldman

Emma Goldman

que é uma russa educada na Alemanha, adorando as viagens e apaixonando-se pelas ideias socialistas. Vivendo longo tempo na America, tem vindo varias vezes á Europa e a Londres onde fez conferencias publicas em defesa das suas theorias. É uma fraca oradora, mas o que os seus discursos não conseguem, conseguem facilmente os seus escriptos fluentes, persuasivos, que se insinuam nos espiritos dedicados ás suas ideias, desvairando-os ás vezes, como,

segundo elle proprio confessou, desvairou agora o assassino de Mac-Kinley.

Emma foi tambem presa.

Lady Mac-Kinley

logo que soube do attentado correu a Bufalo para junto de seu marido que a recebeu com palavras animadoras, tanto mais necessaria, quanto a pobre senhora, ainda não ha muito, esteve ás portas da



O coronel Theodoro Roosevelt
Vice-presidente dos Estados Unidos

morte com uma doença gravíssima e dolorosa. Os dois formavam o modelo dos lares conjugas. Professores ambos encontravam-se todos os dias, á mesma hora, em certa rua de Ohio; primeiro um olhar, depois um sorriso, a seguir uma phrase respeitosa e em poucos mezes Mac-Kinley casava com Ida Saxton, filha do banqueiro do mesmo nome. Do seu casamento puramente de amor nasceram duas creanças que morreram aos quatro annos.

Theodoro Roosevelt

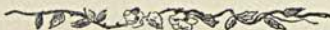
é o homem mais popular dos Estados Unidos e se ha annos era já bastante conhecido em Nova York, depois do desembarque em Cuba foi aclamado por toda a America do Norte. E' vice-Presidente da Republica, por obediencia aos chefes do partido republicano, que lhes affirmaram que sem a sua cooperação, n'esse momento, perigaria a reeleição de Mac-Kinley. E o acaso que o levou a essa alta magistratura para que o Presidente não fosse derrotado, senta-o agora na Presidencia ao cair, morto pelo revolver desvirado de um assassino infame, o homem a cuja victoria eleitoral elle se sacrificára.

Roosevelt é um bello orador e um distincto escriptor; foi deputado no parlamento de Albany, capital do Estado de Nova York, chefe de policia, coronel dos *rough-riders*, secretario auxiliar do ministro da Marinha e por ultimo governador d'esse Estado. Tem uma grande fortuna pessoal e ella tem feito com que em certas occasões tenha podido fazer alardes de independencia, collocando-se em frente do *boss* do seu partido. De origem hollandesa, tem hoje 43 annos.

Em 1881, quando entrou no campo das contendas politicas, fel o com tal denodo e impeto que chamou logo sobre a sua individualidade as attentões geraes. Atacou asperamente a corrupção chegando até a denunciar os directores de uma companhia de caminhos de ferro que tinha por chefe o celebre millionario Gould como uma quadrilha de ladrões vulgares, empregando no ataque uma phrase que depois passou á historia: — uma classe de criminosos ricos.

Mas apesar da sua linguagem violenta, o seu espirito estava longe de ser o de um demagogo e muito menos o é hoje. Houve um momento em que se tornou o homem mais massador de Nova York, com as suas criticas assiduas e acerbas e com o empenho em que se applicava a lei aos taberneiros e a todos os templos do vicio, mas era tão desinteressado n'essa lucta, tão nobres os fins d'ella, que apesar das campanhas movidas pelos adversarios furdos, o seu prestigio popular perclitante mantinha-se e mantem-se apesar de tudo.

O desembarque em Cuba alargou esse prestigio que lhe deu a Vice-Presidencia e, quem sabe! lhe dará talvez amanhã a suprema magistratura.



NON RITORNA

Verdejam campos. Arvores einhos tudo flores e canta. O sol derrama o amor e a vida — a creadora chamma Desce repleta de vitaes cinchinos

Promettem as latadas rubros vinhos; brotam sanguineas rosas — ruge e brama a alma ardente do estio que proclama triumphante — as luz e os passarinhos.

Vem o inverno... mas torna a primavera faz a terra voltar de novo ao que era — Verde o estendal das folhas reaparece.

Mas no inverno da vida gelam palmas e nunca, nunca mais em nossas almas o arvoredo dos sonhos repondece.

FELIX BOCATUVA.



E' preciso ser-se muito religioso para mudar de religião.

CONDessa DASH.

E' natural na mocidade aceitar as ideias com docilidade e defendel-as com insolencia.

ESTIENNE LAMI.

UM VELHO TYPO LISBOETA



*P*aulo *majora canamus*. Ah, sim! Levantemos o tom, acepilhemos o estylo, porque vamos falar de um dos mais cotados espirituosos d'esse bom *vieux-temps*, em que a vida discorria antea e jovial como um baile de mascarar, tão diversa da de hoje que parece coberta por espessa camada de tedio sem um affloraemento de alegria! Referim-nos a Domingos Ardisson, cuja originalidade auctorisa um *cliché* na cinematographia da chronica.

Foi um genuino cultor da chalaça portugueza, um gracejador vivaz, sem transmontar as extremas que abalizam a decencia. Livre de abusões infestas e de agouros esquerdos, este *bon-vivant* tinha muito azougue no espirito, muito phosphoro nos nervos e muita cruorina no sangue, mas... nunca teve papas na lingua.

Transitou pelos camarins de todas as cantoras de S. Carlos, desde a Luiza Mathey (que teve por amante o grande janota Luiz Mendes de Vasconcellos), até á Tedesco, a esplendida cantora que se nobilitava com os tres requisitos que Rossini exigia aos seus discipulos: voz, voz e voz. Frequentou os camarins das bailarinas que dansavam com mais espirito... nas pernas, desde a Farina Rega (amante do Eugenio Lartigue, empregado no governo civil), e da elegantissima e formosissima madeioiselle Clara (amante do conde de Farrobo), até á archi-deliciosa Marina Mora, que conquistou a adoração de um alto personagem, e á gentil Bertha Linda, que recebeu as homenagens amorosas e... sonantes da mesma alta individualidade, por causa da qual esta pulcherrima dançarina e uma actriz *espégle* jogaram as cristas nas cercanias de Belem.

Folheando as paginas da memoria, Ardisson descrevia todas as toiradas de fidalgo em que foram cavalheiros o conde de Vimioso, D. José de Almeida Mello e Castro, o *Caruça*, D. João de Menezes e Frederico Ferreira Pinto. Particularisava miudezas das fanfanas dos chibantes milithipulos do seu tempo: o Sant'Anna, o Figueiredo do 14, o José Maria Saloio, o Salles canteiro, os Lobos, os Fragosos das Alcaçovas, os Schiappas de Santarem, o Adriano do Carmo, o Frederico de cavallaria. Partilhou dos contubernios, dos festins orgiacos em todos os restaurantes e em todas as casas de pasta noturna n'aquelle tempo: no Matta — *primus inter pares* — no Simão Molle ao Corpo Santo, no José Manoel na rua do Crucifixo, no Escoveiro do Campo Grande, no Penim ou na Pomba de Oiro, no José Romão ou no Zequeuil do Dáfundo, e na Padeira da praça da Alegria, a cujas mezas se sentavam os pontífices da politica e do litteraturismo: Alexandre Herculanu, Rebello da Silva, Oliveira Marreca, Luiz Palmeirim, Lopes de Mendonça, Bulhão Pato, Bortaldo, Ricardo Guimaraes e outros. Ardisson ia pedir ao cõgmac ou á gembra a inspiração, quando, porventura, lhe faltava. Tinha mesmo uma maneira peculiar de beber a gembra: formava doze calices d'este lictificante licor, que lhe punha nas faces o rosiclar das auroras, e emborcava-os, a oito, por meio de uma gymnastica muito sua, sem lhes tocar com a mão; em seguida tomava um copo de agua e estava prompto... para emborcar outros doze calices. Era vèlo no Marrare do Polimento ou no café Tavares conversando com a diva botelha...

Ardisson foi um contribuinte poderoso para a historia anecdotica do segundo e terceiro quartels do seculo findo, e teve a suprema dita de conservar, até ao fim da vida, a juventude do espirito, unica qualidade que pode levar os velhos a confundirem-se com os novos. *Pou-dreux est le flacon, mais vive est la liqueur!* diria elle com toda a razão. Certa vez, no tempo do Costa Cabral, desejeou empregar-se na alfandega, e como o ministro da guerra, o Ferreri, era seu amigo, valeu-se d'elle como empenho. Os outros ministros, porém, oppunham-se a que dessem emprego ao Ardisson, não por ser *patulea*, mas por diverso motivo. Um dia, já cansado de procurar o Ferreri, não se conteve que lhe não perguntasse:

— «Mas, afinal, que razão forte encontraram vocês para pôr obices á minha nomeação?»

Ferreri, embora constrangido, sempre se atreveu a dizer:

— «Dizem que tu bebes...»

— «Ah! interrompeu Ferreri, encavacado, dizem que eu bebo... Não é má... Eu bebo, mas vocês *comem!*»

E, voltando costas, nunca mais se empregou em procurar emprego.

Ardisson morava n'um terceiro andar a S. Mamede, e, uma noite, ao recolher-se a casa, tocou um larapio a apalpar-lhe a porta. Sacou uma pistola do bolso e, apontando-lh'a, exclamou iracundo:

— «Quanto traz na algebeira?»

— «Seiscentos e oitenta, senhor, mas não me faça mal...»

— «Seiscentos e oitenta, replicou Ardisson, é exactamente o que eu tinha sobre a minha secretária. Ponha-os já para alli, e safe-se...»

— «Mas...» balbuciava o gatuno todo atarantado.

— «Não ha mas, nem meio mas, retorquiu Ardisson, e não me tome attitudes. Ponha-os immediatamente alli.»

O birbante patau largou o dinheiro e fugiu nas azas do pavor, não sem Ardisson lhe ter oferecido antes um phosphoro para descer a escada.

Domingos Ardisson conservou sempre as qualidades e as prendas de um cavalheiro de boa sociedade. E' certo que cultivou observantissimamente a peregrina arte das libações, mas isso nunca impediu que conservasse em todos os actos da vida as mais correctas maneiras do homem de salão. Nos *salsifres* de D. Claudia foi que a veia mordaz, a jocosidade crepitante, a piada gazetilha, a travessura typica de Ardisson se expandiram mais victoriosamente. As *partidas* endiabradas constituíam um saboroso manjar, que elle sempre profusamente, *à bouche-que-voix*. Tornou-se indispensavel n'esses saraus fandangueiros, onde o microbio da *meia-tijela* encontrava um esplendido caldo de cultura e onde as meninas alleitadas nas lercas mamillares da litteratura ultra-romantica vinham expôr a pelintrice macanja dos seus tafetás e a indigência magoada das suas volutas. D. Claudia era um typo reinado, merecedor de ser escarpellado pelo criticismo de nervo e pópa. Era uma pantufa muito sabichona em conhecer os segredos d'essa machinasinha desaranjada, a que as mulheres chamam — o seu coração, uma sirigaíta que sabia na ponta da lingua a cartilha do amor, uma esperalhona que dissertava tão proficientemente sobre as trapacicas espeluncas como sobre a theologia cythereana. Ardisson fazia o papel de D. Juan no meio d'aquelles series rídes, onde vogava no mar de todas as felicidades, como se dizia em 1830, e onde praticava mil diabruras, porque ora punha tudo em confusão, ora entornava as bandejas dos doces sobre as cordas do piano, ora desliziava entre os valistas, perturbando assim o bailarico, ora levava o deasociego aos inquilinos do predio. Por espaço de dois annos frequentou elle aquella casa, onde, quasi invariavelmente, entrava ás dez horas da noite, para cantar com requieiros engracadissimos de voz e com a mesma semcerimonia com a que um cidadão da livre America entoa o *Yankee-doodle-doodle-to!* estes versos de Castilho ao som da musica da *Semiramis*:

*Joven Lília abandonada
Por seu lindo ingrato amante,
Solitaria, delirante,
Divagava em seu jardim.*

Cahia a casa com palmas a *crève-gants*, havia sorrisos magneticos nos olhos humidos e um fremito approvativo de marabús abraçadabrantes nas cabeças das lambisgoas; e o nosso homem, interpretando os applausos da selecta roda, chegava a repetir tres vezes a cantiga somnifera, sem ligar importancia aos pedidos de D. Claudia, que de sejava fazer servir o chá e as concomitantes torradinhas. Algumas vezes Ardisson chegava mais tarde, por volta da meia-noite, approximava-se do piano, annunciava uma nova aria estudadinha de fresco, pedia um copinho de genebra para afinar as cordas voacas, acenava ao acompanhador para desfiar as *pianistries* do preludio, mettia o dedo polgar da mão esquerda na cava do colleto, pondo n'esse movimento toda a jactancia de um Brummel nos lanchantes salbes brixotes, bebia segundo copinho de genebra e — quando o silencio pesava hermetico e ansioso — principiava a romança choramigas:

Joven Lília abandonada...

Entre as pessoas frêcheiras da casa de D. Claudia, notava-se a sr.^a D. Sebastiana, viuva, de sessenta e oito annos, de chinó e dentes postiços, que envelhecia feliz no murmuro das recordações, uma matrona que falava pelos cotovellos e amava a batota com a tenacidade tyrannica dos amores senis. Todos a respeitavam pela sua idade e pela sua nobre estirpe, e até Domingos Ardisson a distinguia particularmente. Uma noite, chovia a potes, tinham-se retirado as visitas, e ella ficara a jogar a *jonga* — um jogo de cartas que então havia — com o Brito, marido de D. Claudia. Ardisson promettera acompa-

nhal-a a casa e esperava, com impaciencia, a terminação da partida. E' de notar que a pandorga trouxera um enorme guarda-chuva, ao passo que o nosso heroe sahira de chibatinha, polka de merinó, calças de ganga, camisa de cambrãeta com encanudados e lenço de setim no collarinho alto. Ainda se lembrou de deitar as unhas á umbella e de partir, deixando o mafarico da velha entregue aos azares da jogatina. Mas, qual carapuça! *A fine-mouche*, embora estivesse já prompta para a retirada — com a cabeça envolta n'um lenço de seda da India, que só lhe deixava ver os olhos e a ponta do nariz, e com um alpendre de cartão, armado em chapéo, por cima do lenço, o que lhe augmentava o seu coefficiente de belleza — jogava os ultimos cruzados novos em paradas de meio toledo e descançava a sinistra na maçoneta do chapéo de chuva.

— «Sr.^a D. Sebastiana, dizia Ardisson, creio que chove menos agora.»

— «Ah! cavalheiro, parece um diluvio!»

— «E' que já deram duas horas...»

— «Mais um instantinho. O cavalheiro tem paciencia.»

Transcorreu mais uma hora e a chuva diminuiu de intensidade.

— «Sr.^a D. Sebastiana, quer V. Ex.^a aproveitar esta aberta?»

— «O cavalheiro está hoje com tanta pressa... Deixe-me arriscar estes doze vintens que me restam.»

A viuva perdeu até ao ultimo real, levantou se, fez as suas despedidas e desceu. Ardisson sahio primeiro o portal afim de abrir o guarda-chuva, e, emquanto a carcassa arregaçada gôchemente os vestidos, metteu tres pedrinhas na algebeira. A meio do Rocio a chuva apertou, e então o Ardisson pôz a mão direita por detraz das costas e atirou uma pedrinha ao chapéo de D. Sebastiana.

— «Que é isto, cavalheiro? Parece que me atiraram com alguma coisa.»

Ardisson pára e diz:

— «Quem será o atirador?»

— «Vamos, cavalheiro, diz ella agarrando-se ao Ardisson como o lichen ao rochedo. Bem vê com chove.»

Instantes depois, noutra pedrinha batia na copa do casquette de D. Sebastiana como se fosse no tempo de uma caixa de rufo.

— «Outra vez, cavalheiro, outra vez.»

Ardisson tenta desenvenillar-se do tropéço, dizendo:

— «Desconfio que são dois meninos que nos esperavam á porta. Vou dar dois pontapés n'aquelles patifes.»

— «Por quem é, cavalheiro, queria deixar-me só, aqui, a estas horas da noite?»

Alguns passos mais, e a terceira pedrinha, maior que as outras, acerta com tal impeto na cabeça de D. Sebastiana, que lhe fez ver a escura claridade das estrellas, conforme diria Bernardim Ribeiro.

— «Ai! cavalheiro, esta agora feriu-me!»

Ardisson fez ouvidos de mercador e partiu a correr pelo Rocio fóra, sem largar o chapéo de chuva, emquanto D. Sebastiana, com os vestidos a trapejar nas panturilhas, gritava a bom grito:

— «Cavalheiro! Repare que fico n'uma sopa!»

Ardisson só parou em casa, deitou-se e, no outro dia, mandou saber da seressa, que estava no leito, toda sinapizada, gosmando e cacalhando frouxos de tosse-esgana.

D. Claudia desapareceu sem ruido, como um calhu n'um poço. Aconteceu-lhe o que acontece a todas as coisas consagradas pela inconsistancia da moda — não tem historia. Teem apenas uma celebridade ephemera. Depois, cahem perpendicularmente nos abyssos do esquecimento.

Domingos Ardisson morreu em 1884, no hospital de S. José. Fugiste a tempo! Tu, idealista; tu, que gravaste as tuas ambições, não em perduravel bronze, mas na areia varrida pela onda; tu, que evitavas pizar o terreno perigoso onde escabujia o interesse mesquinho; tu não pertencias, de direito, a este positivista alvorecer de seculo, onde tudo está sujeito a notação metrica, desde a intensidade dos perfumes á intensidade do pensamento. Conta se que, na decadencia romana, quando pela calada da noite os mareantes riscavam o lapisazul do Mediterraneo com as quilhas dos barines, sentiam gelar-se-lhes o sangue nas veias ao escutar aquelle grito plangente, que annunciava a morte das divindades e, com ella, a extincção da vida no seio da natureza: *Vão-se os deuses!* Tambem é muito possivel que hoje, n'esta decadencia de todas as nossas coisas, quem a horas mortas atravessar o Chiado oiça talvez uma voz mysteriosa e melancolica dizendo: *Foram-se os elegantes e os espirituosos!*

Casa J. H. ANDRESEN, SUCCESSORES



J. H. Andersen, fundador da casa
em Lisboa, em 1801



O exterior da casa Andersen, em Manaus

ESTA antiga casa commercial que J. H. Andersen, o velho Andersen, como no Porto lhe chamavam, fundou ali em 1845, tem hoje como filial uma das mais importantes casas do Amazonas, organizada ha 19 annos pelo seu actual gerente José Claudio de Mesquita.

Estabelecida em Manaus, aqui tem os leitores da Revista o exterior da casa ao pé de uma gravura representando o interior do estabelecimento, em toda a plena prosperidade commercial. O velho Andersen, que nasceu n'essa pittoresca ilha dinamarqueza, do Mar do Norte, *Decemum*, hoje allemá, veio muito novo para Portugal, e com a flegma de um bom filho do norte, e o sangue frio necessario a toda a temeridade e arrojo, quer elles desenvolvessem a sua acção no campo da batalha quer na lucta da vida, trabalhou e tão bem e com tanta felicidade que em poucos annos creava no Porto uma casa que é hoje, pela antiguidade e pela tradição sempre digna e sempre honrada das suas transacções, uma das mais consideradas casas de commercio d'aquella cidade. No Porto creou familia, ao Porto e ao seu desenvolvimento deu o illustre dinamarquez toda a sua actividade, todo o seu bom conselho, no Porto educou os seus filhos que são hoje estimadissimos da alta sociedade portuense, pela sua illustração e pelo seu trabalho, na prosperidade do commercio portuguez empregou elle finalmente muita somma de conhecimentos, e o melhor do seu espirito fecundo e arrojado. Os filhos, finamente educados, vieram seguir-lhe as pisadas, collaborar com elle, trabalhando sempre, e assim foi que, quando o

velho Andersen morria em 1894, em Lisboa, onde era muito conhecido, a sua casa commercial continuou sem abalo, sob a direcção dos filhos. Ha um anno morreu um d'elles, o que havia ficado gerente, e a gencia passou para os outros socios, como em todas as sociedades bem organisadas, sem soffrer a mais pequena difficuldade!

J. H. Andersen era homem de rasgada iniciativa. O paiz onde elle viera fazer a sua fortuna, estabelecer a sua casa e crear a sua familia, prendia-o deveras. E' que no desenvolvimento rapido do commercio da segunda cidade d'esse paiz, elle via sempre, e com razão, uma boa particula dos seus esforços.

Dos primeiros armadores portuenses, Andersen pensou logo na florescencia do commercio de exportação sobretudo para a parte do mundo onde iam os seus vapores — a America do Sul. No commando de um dos seus navios, elle foi encontrar um homem em quem reconheceu logo, como a sua perspicacia de homem experiente, altas qualidades, e um bello dia chamou-o, perguntou-lhe se queria ir dirigir nos fillos no Brasil, elle accoutou, e essa filial é a casa de Manaus que hoje apresentamos aqui, e esse homem é o seu gerente ainda hoje.



Alberto Andersen Julio Andersen João Andersen
em Porto, em outubro 1900

José Claudio Mesquita

Rija tempera, tenacidade inquebrantavel, caracter formado por assim dizer á velha portuguezia d'antes quebrar que torcer, intelligencia viva e coração de ouro, tal é o portuguez cujo retrato nos orgulhamos de dar hoje e que por tantos titulos, sem excluir o dos valiosos serviços que lhe deve esta empresa, tem direito a honrar as nossas paginas.

O sr. José Claudio Mesquita, que nasceu em Setúbal, vive em Manaus ha 18 annos. O velho Andersen, aquelle honrado commerciante do Porto, que dava como ninguém as qualidades e aptidões e seu real valor, encarregou Claudio Mesquita de fundar no prospero Estado do Amazonas a casa Andersen. E para se fazer idéa do que é a actividade, a intelligencia posta ao serviço de uma missão, a competencia em toda a accepção da palavra, e a honrada e inalteravel dedicação, basta visitar com olhos de ver a importantissima casa de Manaus, fundada e sempre dirigida por José Claudio Mesquita. Só a ella, a essa vontade de ferro, e a essa honradez, que já é proverbial em Manaus, se deve a grande prosperidade a que chegou a casa Andersen.

Na mocidade o mar tentára-o affeição-se-lhe, e á marinha mercante consagrara annos de trabalho. Mas essa esphera de acção não bastava á sua actividade, e data d'ahi o novo rumo que tomou e a fecunda orientação que deu á sua util e laboriosa vida.

N'uma sociedade, ainda melhor organizada que a actual, por excepções se salientariam as qualidades de ordem moral que caracterizam este distincto portuguez.

Quem o conhece sabe que elle nunca mentiu. *Ut neque jocans mentiretur*. De uma probidade feroz e ao mesmo tempo de uma generosidade sem limites, de quantos — e não são poucos — batem á sua porta e pedem o seu valimento ou o seu auxilio, só deixam de ser escutados e servidos os que tiverem mancha no caracter, labéo na honra. Modesto no trajar, modesto na vida, precinde de todas as honrarias, e algumas importantes tem recusado. Foi presidente da Associação Commercial de Manaus, o os serviços que ali prestou ainda hoje são recordados por brasileiros e portuguezes.

A casa de Manaus tem como principaes ramos de negocio, as ferragens, os vinhos que importa do Porto, a borracha que exporta, o cacau, a castanha, e por ultimo a navegação fluvial que mantem com uma regularidade a que se poderia chamar ingleza se não tivessemos receio de ferir as susceptibilidades de alguns dos nossos compatriotas. Essa navegação faz-se entre o Porto, alguns pontos da America do Norte e o norte do Brasil.

A casa occupa uma grande area em ponto central, na Praça Tamandaré. Para frisar bem o seu valor bastará dizer que crises commerciaes e financeiras, não poucas, tem nos ultimos annos passado pelo florescente Estado do Amazonas, mas a todas resiste a casa Andersen.

N'estas simples palavras, que por um grato e honroso dever consagramos a uma das individualidades portuguezas que mais nos tem honrado e servido no Brasil, deixamos consagrado a homenagem do *Jornal Portuguez*, a que por todos os titulos tem direito José Claudio Mesquita.



José Claudio Mesquita
Socio-gerente da casa em Manaus

Alberto e Julio Andersen

São os actuaes possuidores e gerentes da casa do Porto, depois da morte de seu irmão João Andersen, Herdeiros das qualidades que distinguiram seu paiz, e principalmente do seu espirito activo e infatigavel, acompanham hoje o progresso sempre crescente do seu commercio, timbrando em que, pela seriedade e pela honestidade que foram sempre os caracteristicos da casa Andersen, os negocios continuem a ter o desenvolvimento que o seu fundador lhes imprimiu.



O interior da casa Andersen, em Manaus



A fachada da casa Commercial
J. H. Andersen, Successores, no Porto

A canhoneira «Patria»

Os dois nomes representados nos retratos que illustram esta pagina são os d'aquelles que hoje, em no Brasil e o outro em Portugal, estão contribuindo, no cumprimento de uma alta missão, para que tenha realidade objectiva e pratica



Conde de Avellar

uma idéa que de portuguezes partiu, por portuguezes foi iniciada e por portuguezes hade ser realisada com exito indubitavel e brihlo digno d'elles.

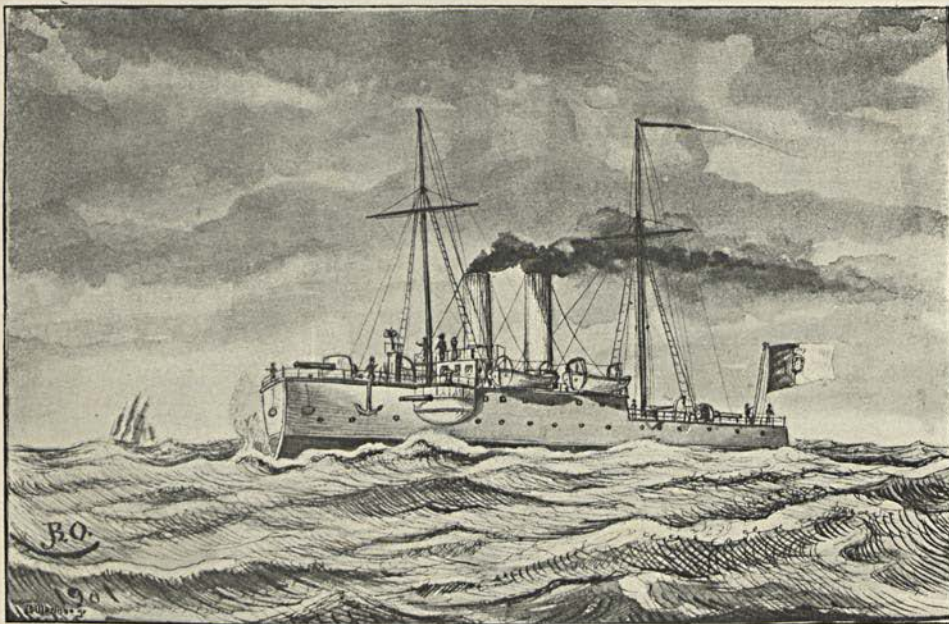
O navio *Patria*, cuja gravura fecha esta pagina, e cujo primoroso desenho traz a assignatura de um dos mais distinctos officiaes da marinha portugueza, o sr. João Braz d'Oliveira, lente da Escola Naval, representa o verdadeiro e authentico patriotismo d'aquelles que logo do seu paiz continuam a consagrar-lhe affectos que a distancia avoluma e que a saudade nobilita, e que procuram por todas as fórmas honral-o, engrandecel-o e tornal-o respeitado deante de extranhos.

A construcção do navio *Patria*, feita á custa de muitos representas a somma de numerosissimas parcelas, cada uma das quaes significa um movimento de acrisolado patriotismo, não sendo de menor valia as menos avultadas, porque talvez entre essas muitas representem sacrificios materiaes capazes de serem medidos pela grandeza moral de quem os realisou.

Não é a primeira vez, louvado Deus! que os nossos compatriotas residentes no vasto territorio brasileiro accodem, — não diremos ao appello, mas o que mais valor tem ainda — á suggestão, ao amor sincero e evocativo da patria.

Ao appello da patria, não ha muito ainda tinham elles respondido bizarramente engrossando com as suas verbas a Grande Subscricao Nacional. Mas como se isso não bastasse ao desmedido e entranhado affecto pela terra em que nasceram, como se o *Adamastor* fosse ainda uma manifestação deficiente e incompleta do patriotismo nacional, como se fosse necessario e urgente demonstrar que de muito mais e melhor é capaz a alma portugueza, seja qual for o ponto onde paire e onde sinta a saudade evocativa d'este bello solo portuguez onde jaz ou vive o que mais amamos ou o que mais nos attrahe e encanta, como se finalmente fosse indispensavel dar a ultima prova do nosso sentimento civico, do nosso apêgo á terra natal, ahí está esse navio *Patria* a sahir dentro em pouco dos nossos estaleiros para se enfileirar ao lado d'aquelles que constituem a armada nacional.

E porque o presidente da commissão organisa da no Rio de Janeiro, a alma d'essa commissão, é o benemerito portuguez que se chama conde de Avellar, tão conhecido pelas excellencias do seu coração, em tantos actos philantropicos manifestado, honramo-nos, sinceros e jubilosos, em mais uma vez publicarmos o seu nome e



Desenho de J. Braz d'Oliveira

A canhoneira «PATRIA»

Navio de aço em construcção no Arsenal de Marinha, em Lisboa, doado ao Estado pela colonia portugueza do Brasil
Plano de Mr. A. Cronau.

Comprimento entre perpendiculares	60m	Machina	1600 ^{hp}
Bocca	8m,4	Carvão	130t
Pontal	7m,7	Caldeira de tubos d'agua	15'
Immersão	5,5m,5	Velocidade (calculada)	
Deslocamento	031t		
Armamento 2 peças Schneider-Canet de			
2 * Hotchkiss			
2 *			

o seu retrato, certos de que para os seus meritos e para os seus serviços é por demais modesta a homenagem que lhe rende o *Brasil-Portugal*.

O outro nome que ao lado d'elle deve com justiça occupar lugar n'esta pagina, vamos escrevel-o aqui porque os factos e as circumstancias imperiosamente nolo determinam.

Bem sabemos que o sr. conselheiro Augusto de Castilho é um dos directores d'esta publicação, e que a esta qualidade deve juntar-se a de uma excessiva modestia. Duas razões que nos aconselhariam a um absoluto silencio sobre a sua personalidade. Mas, mais do que ellas fazem alto acontecimentos e factos, e não ha razão invocada que nos tolha o direito de declararmos que foi elle o escolhido para representar a commissão executiva nos trabalhos de construcção do navio *Patria*.

Logo que morreu Antonio Ennes, a quem essa honrosa missão estava confiada, a illustre commissão do Rio de Janeiro entendeu que o portuguez a quem devia conferir essa dignidade, que é a manifestação suprema da absoluta confiança, era: Augusto de Castilho.

Quanto esta escolha satisfizes o natural orgulho do nosso preado director, quanto o seu coração de portuguez se rejubilou com a ideia de prestar aos seus compatriotas e ao seu paiz os serviços que d'elle esperavam, sabemos o nós que conhecemos bem a bitola moral porque elle mede a rectidão dos seus actos e a inteireza dos seus sentimentos.

A qualidade do assumpto e as susceptibilidades da pessoa em foco não nos permitem, é claro, alongarmo-nos n'este campo, mas se uma consideração nos é licita com muito prazer a fazemos aqui, frisando e registrando bem n'esta pagina o enorme jubilo que nos causa o facto de ser um director do *Brasil-Portugal* o escolhido para tão alta e patriótica missão.

Não temos procurado, desde que ha cerca de tres annos abrimo caminho a nossa Revista, senão estreitar cada vez mais as relações entre os dois paizes, e captar as desinteressadas e sinceras sympathias dos nossos compatriotas que residem no Brasil. N'estas columnas tem sido este o principal objectivo, e fóra d'ellas, por todas as fórmãs, temos ido muito além do programma com que apparecemos. Agora mesmo, outro director e proprietario da Revista, o sr. Lôrjô Tavares, percorre pela terceira vez o Brasil, onde com a sua palavra, com a sua presença e com a mais activa propaganda, faz adeptos de quantos pelo seu caminho vae encontrando, por fórmã a convencer todos de que ao mesmo tempo que se batalha aqui pelas mais nobres ideias se satisfazem quanto compromissos se tomem, sejam de que ordem forem.

N'este inalteravel regimen, claro é que a escolha do conselheiro Augusto de Castilho para tão patriótica missão não o honrou menos a elle do que nos envaideceu a nós, seus companheiros de trabalho desde o apparecimento do *Brasil-Portugal*.



Conselheiro Augusto de Castilho
delegado da commissão brasileira

MODAS

Capa de viagem

Fig. A

Em panno bege, fórmã de sacco, com costuras de alto a baixo nas frentes occultas sob uns vizes do mesmo panno. Grande cabeção com gola *tailleur*, guarnecida tambem com um vize, e manga direita, um pouco curta, recortada em baixo, cahindo sobre um tufo de seda da mesma cor, apertado n'um punho.
Toque elegante em panno, ornado simplesmente com uma penna.

Vestido para jantar

Fig. B

Em crepe de China (Oyster). Tunicas, cortada em ponta adiante, enfeitada com um largo bordado *Banvais*. Esta tunica cas elegantemente

Um livro é um homem, ou nada.

ALFREDO DE MUSSET.

Na guerra os planos abundam, a difficuldade, é executal-os.

DUQUE D'AUMALE.



S. MARTINHO DO PORTO
Localidade onde nasceu o conde de Avellar



Fig A

O segundo vestido, n'um tecido leve verde malva, tem a saia cortada em forma, pregada sobre as ancas e guarnecida com um alto folho também ás pregas e dois estreitos vieses. Corpo-blusa raiado de branco, todo ás pregas, assente sobre um peitilho de renda e tendo um largo cabeção de setim bordado a preto.

Manga sobre o curto com virados de setim branco também bordados a preto e tufo da mesma fazenda raiada de branco.

Toque elegante de palha verde, enfeitado com uma torção de setim branco e duas pennas.

A moda decreta-nos este inverno muitas pelles. Usar-se-ão de todas as formas, em colletes, em barras nos vestidos, em grandes cabeções, etc., e nada mais elegante e chic do que um vestido *tailleur* em panno *taurine* de reflexos

asetinados, luxuosa e confortavelmente enfeitado de pelles.

As cores predominantes dos tecidos na proxima estação serão o verde *raisiné*, muito apagado e o vermelho *geranium*, também muito suave, sem os tons vivos, berrantes, que dão nas vistas.

Esta novidade dos colletes de pelles fará furor, mas não a aconselhamos a todas as senhoras por sabermos que ha certas elegancias que não convém senão ás privilegiadas.



Fig. B

sobre um alto folho de renda. O corpo, genero blusa, é decotado, ornado e decote um folho de renda ás pregas e assente sobre um plastron da mesma renda. Um farto *chou* de seda branca remata o decote, á esquerda. Manga aberta em baixo, guarnecida com um bordado, *bourffante* de renda. Cinto de velludo preto.

Bolero Arbellet

Fig C

Dos muitos boleros que a moda inventou e que não acabarão tão cedo mercê da sua graciosidade, é o bolero *Arbellet* um dos mais bonitos e elegantes que temos visto. Em panno escuro muito fino, todo a pregas pependontadas, em diagonal, abre adiante e desce em bico tendo grandes bandas de *faulle* branca, ornadas a pequenos intervallos com estreitas fitas de velludo preto presas por botões de phantasia. Gola voltada em *faulle* branca ornada egualmente a fitas. Manga *bourffante*, até ao cotovello d'onde nasce um alto punho que termina por um virado de seda branca com fitas. Leção de *crepe-lisse* descendo até á cintura em coquilhas e cinto alto em bico de setim preto.



Fig. C

Vestidos de passeio

Fig. D

O primeiro em *étamine* lilaz tem a saia cortada em forma e é enfeitada com muitos vieses formando um alto folho, rematados por um entrenoio de *gaspure*. Corpo-blusa, guarnecido com um vier criado de velludo que enfeita o alto do corpo e desce até ao extremo da saia. Grande cabeção de renda e manga com dois entrenoios de *gaspure* sobre um tufo de gaze branca. Cintura em velludo preto. Chapu redondo de palha preta, levantado ao lado, enfeitado com grandes rosas.



Fig. D

BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo da Conde Barão, 30

Páginas suplementares: 08.º Edição Nunes & F.º

Rua d'Assumpção, 18 e 24

Directores

Augusto de Castro, Jayme Victor, Loriz Tavares

Editor — Luis Antonio Sanchez

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125

Enl. tipographico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS E AFRICA	ESTRANGEIRO	
Anno.....	36000	Anno.....	7800	
Numero avulso (Moeda brasileira).....	28000	6 meses.....	4200	
		3 meses.....	2500	
		Numero avulso.....	850	
			Numero avulso.....	850

SUMMARY

Mac-Kinley.
 Politica Internacional — CONSIGHEIRO PEDROSO.
 Eduardo Prado — MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.
 Raul Mesquita e o seu elevador de Santa Justa — L. F. MARRÉAS FERREIRA.
 Uma historia dos tempos romanticos — (O pintor de Weimar) — GUSTAVO DRONINEAU.
 Os carros electricos de Lisboa, Porto e Madrid.
 O attentado contra Mac Kinley.
 Non Ritorna. — FELIX BACAYUVA
 Um velho typo Lisboa — PINTO DE CARVALHO (Timop).
 Casa J. H. Andresen, Succesores.
 A canhoneira «Patria».
 MODAS.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
 Capas para o «Brasil Portugal».
 O nosso proximo numero.
 Tabacaria Pires.
 Cariz da Quinquena.
 Anecdots.
 Bilhetes postaes illustrados.
 O NOSSO JORNAL — A quinquena nomenclatura.
 O CEGO — Romance de PEREZ GALDÓS.

30 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem 14 os seguintes representantes.

No Brasil
 RIO DE JANEIRO — S. PAULO — Agencia Central dos Estados do Sul: Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Allandega, 4, sobrado.
 FERREIRAS — A. Leopoldo da Silveira.
 PARRA — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 35.
 RIO DE JANEIRO — JAYME e CAMARA — Livreria Classica — Rua Guilherme Moreira.
 MARANHÃO — Leoneto J. de Medeiros & C.º
 CEARÁ — Salles Torres & C.º
 BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 25.
 PERNAMBUCO — Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).

PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana) Rua Marshal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
 NORDRIVIER — Joaquim Teixeira de Assumpção.
 QUEILIMANE — Henrique Jorge de F. Neves.
 NINGUELLA — Mathias & Tavares.
 LOURENÇO MARQUÊS — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lourenço.
 BOLAIA (Guitú) — Cesar A. Gouveia da Silva Homem, Theosoreiro geral da provincia.

No Africa

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luis Francosa — Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 245.
 EVORA — Agencia geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Rua da Ladeira, 18.
 BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.
 PONTE DE LIMA — Gama, Amarel & Com.º.
 COIMBRA — João Ribeiro Azevedo, Arco do Ivo, 1.º.
 GABRIEL BANCOS — Pe dro Augusto Passos.
 BRANCO — Antonio Augusto Salgueiro.
 BEYAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
 AI COBACA — José Narciso da Costa.
 PORTALÉGUE — Domingos da Guerra Conde.
 LEIRA — Manuel Pereira Dias.
 FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques da Oliveira.
 TIANSA DO CASTELO — J. B. Domingues.
 COCORON — José Pereira Cabral.
 TAVIRA — José Maria dos Santos.
 FARO — Maya & Trigo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Chezy, 18.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de fornecer os srs. assignantes do **Brasil-Portugal** capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e sendo a encadernação por conta da empresa, 1200 réis cada volume.
 No Brasil custa cada capa réis 50000.

Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou ás agencias do **Brasil-Portugal**.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

Honrará a collaboração litteraria do n.º 65 do *Brasil-Portugal* o nome laureado de um dos mais brilhantes cultores da sciencia medica, em Portugal, o

Dr. Curry Cabral

enfermeiro mór dos hospitaes e um dos clinicos e professores mais notaveis. O seu artigo, a proposito da ultima visita da Rainha á Trafaria, trata dos banhos que a Assistencia Nacional aos Tuberculosos proporciona todas as manhãs, n'aquella praia, a uma centena de creanças.

Varias gravuras reproduzem essa pittoresca praia, engalanada e alegre, para receber a visita Real.

Daremos n'este numero um

Conto original

de um dos escriptores modernos, mais elegantes e talentosos, Antonio Bandeira, uma pequenina e deliciosa historia intitulada

A CEREJEIRA

que as gentis leitoras apreciarão como um bello appetitivo litterario, delicado e leve.

Conselho d'Amigo...
 Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

Duas paginas serão ainda dedicadas aos portuguezes condecorados com a

Legião d'honra

publicando-se vinte e um retratos, que veem enriquecer a galeria já longa do *Brasil-Portugal*.

Das

Manobras militares

daremos ainda n'esse numero, se possível for, alguns instantaneos interessantes.

TABACARIA PIRES

Chamamos a attenção dos leitores da nossa Revista para esta acreditada tabacaria, estabelecida na rua Augusta n.º 175.

Agencia de jornaes nacionaes e estrangeiros, raras são as publicações em voga, especialmente as illustradas, que se não encontrem n'essa casa, que é ao mesmo tempo um centro de delicioso cavaco, e que dia a dia augmenta os seus creditos.

Do *Brasil-Portugal*, tem o sr. J. L. Pires, o conceituado e intelligente proprietario da casa, feito uma constante propagação, e esta razão bastaria para chamarmos a attenção para a *Tabacaria Pires*.

As mulheres que gracejam com o amor são como as creanças que brincam com facas; quasi sempre se ferem.

Saint Prosper

Foram raptados em maio pela tribo dos Beni-Arouss, que facilmente assaltam o paiz pequeno, onde os pastores residiam, e que é inacessível, pelas suas montanhas, a policia a cavallo do Sultão.

Camara municipal

A reforma cretada pelo governo, de alguns serviços municipaes, occasionou, pela determinação da lei, a dissolução da antiga vereação presidida pelo sr. conde de Restello. Pelos decretos já anteriormente publicados, os serviços de beneficencia, hygiene e incendios passaram para o governo. A municipalidade ficou apenas restricta á administração de obras, limpeza, regas e jardins, porque o matadouro e talhoes municipaes só transitariamente lá se conservam á espera que o governo resolva alguma cousa a tal respeito.

A vereação fica sendo de 11 membros, eleitos, e de entre os quaes o governo escolhe o Presidente, e t'odos os assumptos passam a ser tratados e resolvidos apenas em sessão publica, sendo o Presidente quem trata de todo o expediente, despatchando com os tres directores geraes, que são o da secretaria, fazenda, e obras. Ao segundo compete pôr o visto em todas as ordens de pagamento, sem o que estas não tem effeito legal, e ao terceiro incumbe apresentar já um plano completo de melhoramentos da capital.

A commissão municipal, nomeada para gerir internamente os negocios municipaes, ficou composta dos seguintes srs.: Conde de Avila, par do reino, presidente; dr. Afonso Lopes Vieira, advogado; dr. Alberto Antonio de Moraes Carvalho, medico; barão de Almeida Santos, capitalista; conde de Sabrosa, proprietario; Francisco Sommer e José Bello, industrias; conselheiro Henrique Mathues dos Santos, jurista; José Rodrigues Monteiro, engenheiro; Theodoro Ferreira Pinto Basto, negociante, e D. Luiz de Castro, agronomo.

Liga liberal

Por telegramma recebido hontem sabe-se ter-se formado no Funchal, e depois de uma reunião de 2200 pessoas, a Liga liberal, cujos corpos gerentes ficaram assim eleitos:

Presidente da assembléa geral: Luiz Figueiró Albuquerque.

Vice-presidente: conselheiro José Leite Monteiro.

Secretarios: Cyriaco Nobrega e João Azeias.

Commissão executiva: Henrique Vieira, Carlos Guilherme Telles de Menezes, Carlos Luiz Freitas, Alfredo Guilherme Rodrigues, Eduardo Orelle de Freitas.

Supplentes: dr. José Joaquim Mendes, Francisco Romano Abreu Nunes e Pedro Luiz Rodrigues.

Hespanhoes e Portuguezes

Duas excursões organisadas em Lisboa e Madrid, com comboios a preços reduzidos, deram logar a varias demonstrações de estima entre os dois povos. O primeiro comboio foi o que trouxe de Madrid centenas de viajantes. Foram aqui muito bem recebidos. Entre elles vieram varios jornalistas e representantes da Sociedade da Cruz Vermelha, os quaes foram recebidos em

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

As quarentenas

O Governo pensa em modificar o systema quarentenario, o que é de ha muito de urgente necessidade, para ver se terminam anachronismos e absurdos existentes hoje e que não fazem senão augmentar de Lisboa, durante o anno, milhares e milhares de forasteiros que deixariam fatalmente um bello rendimento ao commercio.

Aos viajantes que procedem sobretudo dos portos do Brasil e da Republica Argentina são impostas as mais extravagantes quarentenas, sem razão plausivel, sem a minima explicação. Vem com uma viagem de duas semanas. Chegam cá e impõe-se-lhes uma quarentena de vinte e quatro horas, para observação. Isto é claro, trazendo os vapores carta limpa. Para quê? Unica e simplesmente para incommodar os que não tem remedio senão desembarcar no Tejo, e para obrigar os outros, — os que podiam muito bem ficar aqui para continuar a viagem por terra, ou apenas simplesmente passear algumas horas visitando a capital e gastando dinheiro, — a seguir no vapor e a ir desembarcar dentro em poucas horas a Vigo ou a qualquer outro porto, onde se lhes não exigem as precauções que nós queremos ter.

Mas ha mais. Tendo-se construido caes accostaveis que custaram bem bom dinheiro, forcamos os vapores a ficarem no meio do rio, e obrigamos os passageiros, ás vezes senhoras pesadas, velhos, e creanças, a desembarcar n'uns botes pequenos, e a andar pirando no Tejo, nem sempre bonanzoso, até chegarem a terra.

Dois pontos, são estes, que sabemos preoccuparem os altos functionarios a quem o chefe do Governo encarregou do estudo de uma remode-

lação do systema quarentenario. Parece que é tenção d'elles fazer passar o serviço das desinfectações para a margem direita, exactamente junto ao caes onde os paquetes amarram. Assim obvia-se aos dois grandes inconvenientes apontados e ver-se-ha então o numero enorme de pessoas que hão-de ficar em Lisboa, para depois seguirem para as suas terras, e o consideravel augmento de forasteiros, visitando a capital, como já se nota quando os paquetes procedem do norte e veem em transito aqui, com destino á America.

O Lazareto n'este caso ficará apenas reservado ás quarentenas de rigor, e para ellas está muito bem, porque o seu serviço interno como a sua situação local, prestam-se e tem superior direcção.

Hespanha e Marrocos

O encarregado de negocios de Portugal em Tanger, o sr. Alberto d'Oliveira, recebeu hoje ordem de regressar ao seu posto, sem acabar a licença que estava gozando. Esta ordem é motivada pela questão suscitada entre Marrocos e a Hespanha, por causa dos hespanhoes captivos, cuja entrega o governo de Madrid insistentemente reclama. O governo hespanhol communicou os termos graves d'essa representação a todos os gabinetes, pedindo-lhes a opinião moral junto do Sultão, ao que todos accederam. D'ahi a necessidade de estar em Tanger, agora, o nosso representante.

Os dois captivos que a Hespanha reclama, são dois irmãos, um rapaz e uma rapariga dos seus 22 annos, que viviam nos arredores de Argilla, pastoreando rebanhos de porcos.

VINHOS VILLAR D'ALLEN CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONCALVES & C.ª

R. 1.º de Março, 59 RIO DE JANEIRO

O CARTAZ DA QUINZENA

em Lisboa e que as outras capitães ainda não foi dado admirar.

Trindade.—Depois do *Bico do papagaio* reprise dos *Sinos de Corneville*. *Duas princezas* *Rei Damado* e *Surcouf*.

Gymnasio.—Abre as suas portas a 1 de outubro com *Doidos com juizo*. A seguir irá um original sob o título *Manobras conjugadas*, do sr. Raphael Ferreira.

Avenida.—Este, pelo contrario, está prestes a fechar, porque os artistas que formaram a sua companhia de verão tem de ir começar as suas escrituras em outros theatros. A celebre magica *O cabô da capôra*, que deu mais de 50 representações, seguiu-se a *opêrta Doze mulheres*, que apenas poderá dar um mez de recitas mais, pelo motivo acima indicado.

Rua dos Condes.—Reabrirá com a revista de Eduardo Schwalbach: *Nictes*. A nova Revista será *signe* Camara Lima.

Príncipe Real.—Imigura a epoca no principio d'outubro, com o novo drama de Gaston Marot e Aley A Chamarij traduzido pelo sr. João Solier, assim distribuido:

Joachim de Almeida	Verdial
Pedro Duchemin	Setta da Silva
Clodomiro Pastoureaux	Peixoto
Firmino Broustel	José Baptista
Maximo de Chambray	Torres
Baduchard	Machado
Filochet	João Lopes
Juiz de instrução	Ferreira
Medico	

esse plano, e impede que desembarquem os reforços. Essa brigada, commandada pelo general Pedro Nolasco Vieira Pimentel, compõe-se de 7238 praças e 911 soldpdes e occupará posições, bivacando entre Trajouce e Ribeira da Quenena, tendo postos avançados na Cova da Raposa, Boa Vista e Albarraque.

O chefe do Estado e S. M. a Rainha, a cavallo, assistirão aos exercios, assim como o sr. ministro da guerra.

Na ponte de Papa Gallos

N'esta ponte da linha férrea do Sul e Sueste, que fica entre Alcaçovas e a estação de Casa Nova, descarrollou um comboio que de manhã havia partido de Faro, com 22 carruagens. Levava apenas 6 passageiros.

A machina atravessou a ponte, sem difficuldade, mas ao passar a 15.º carruagem, sentiu-se um estroado enorme. Cinco vehiculos haviam-se despenhado sobre a ribeira que estava secca, ficando todo feito em estilhaços.

Des doestros tiraram-se tres cadaveres que eram os dos passageiros Jeronymo Ayres, o Xaropa, Francisco Estrompa, mineiro, natural de Extremoz, residente na Villa Nova da Baronia, e Joaquim Manuel Crespo, de vinte e um annos, natural de Ajuprel, caixeiro viajante, empregado em Lisboa na casa commercial do sr. Boaventura Duarte, na rua dos Bacalhoados, 154 e 156.

Camara de Commercio

Vae ser reorganizada a Camara de Commercio que ficará tendo tres circumscripções, duas no reino e uma nas ilhas, com sedes em Lisboa, Porto e Ponta Delgada. Formar-se-hão outras camaras no estrangeiro e no ultramar, sob a jurisdicção respectiva dos ministerios dos Estrangeiros e da Marinha.

Junto a cada uma das camaras de Lisboa e Porto haverá uma repartição central concentrando todo o serviço de informações e estatistica commerciaes, e cuja organização será analogá ás instituições similares de Inglaterra.

Commissario de policia.....	Frederico
Dearouseau.....	Luiz Pitta
Agente 1.º.....	Ferreira
Agente 2.º.....	Mesquita
Um homem.....	N. N.
A Chamarij.....	Adelina Ruas
Marcellina Laubiers.....	Amelia Pereira
Martha de Boissières.....	Maria das Dóres
Adelaide Pastoureaux.....	Carlota Soares
Juliana.....	Julia de Assumpção
Uma mulher.....	Elixa Santos
Rosa.....	Rita

Vagabundos, vadios, agentes, gendarmes, guardas, homens e mulheres do povo.

Os titulos dos quadros são os seguintes:

1.º O crime; 2.º A prisão; 3.º A ponte de Sul; 4.º A Chamarij; 5.º Accusação; 6.º Mês e fihã; 7.º A redempção.

Depois d'esta *primiere*, fará reprise da *Rosa Engatada*, de D. João da Camara, com diversas substituições em alguns papeis.

Colyseu dos Recreios.—Está marcada para sabado, 21, a estreia da companhia equestre, acrobatica e gymnastica, contractada nas principaes capitães da Europa, pelo intelligente empresario sr. Santos. Foi-lhe difficil arranjar cousas novas, porque no genero não ha muito já, mas tanto procurou que conseguiu, e Lisboa vae admirar pela primeira vez duas argolistas muito bonitas, as irmãs Salonne. o trio Rossi de admiráveis excentricos musicaes, os Alex nos seus vãos arracadaes e como clown, o cavallo musical de Mr. Luizji.

E o resto... a *prochain numero*.

VARIAS NOTICIAS

Lisboa.—Esteve no Tejo a fragata allemã Stein, navio escola com 460 homens e 20 bocças de fogo. Daqui seguiu para a Madeira e America.

El-Rei vae trocar o yacht D. Amelia que é de 650 toneladas, por um novo de 1200.

Com o titulo de Companhia Agricola Bengo, constituiu-se uma nova empresa colonial de 225 contos de capital, todos já subscritos. A commissão installadora d'esta companhia cujos fins são a exploração da cultura da borracha, tabaco, assucar e cacau, nos vastos terrens que possui em Golungo Alto, em Angola, é composta dos srs. Custodio de Borja, Hyppacio de Brion, Castanhira de Almeida e Hermann Haberer.

Publicou a folha official varios decretos reformando os serviços dos hospitaes, de accordo com o que a pratica tem aconselhado. São regulados os serviços pharmaceuticos, os clinicos, creada uma escola professional de enfermeiros, e organizada uma repartição de estatistica medica.

Está em Lisboa com sua familia, o novo consul no Natal, capitão de fragata João Miguel Rosa, que ha 6 annos estava ausente.

Está para breve a inauguração da estatua de D. Alfonso de Albuquerque, na Praça de D. Fernando, em Belém.

Esteve no Tejo o navio escola de marinheiros americanos o *Harford*. Durante a sua permanencia no rio, os marujos que desembarcaram promoveram algumas desordens, sendo por vezes necessaria a intervenção do consul dos Estados-Unidos.

O comboio de Cascaes matou proximo de Parede, Maria Domingas de Freitas, de 33 annos, governanta em casa do sr. Camacho, que havia ido a Cascaes fazer as compras para o jantar, como de costume.

O contracto formado em Paris pelo visconde de S. Luiz de Braga, com a actria Rejane, é por 60 representações em junho de 1902, no Rio, S. Paulo, Montevidéu e Buenos-Ayres, pela quantia de 400 mil francos.



uma companhia italiana, que representará primeiro com Della Guardia, uma actriz dramatica hoje já celebridade do theatro italiano, e depois com Zacconi, o rival de Novelli.

E como se não bastasse, o empresario sr. visconde de S. Luiz de Braga, agora em Paris, conseguiu escripturar para uma meia duzia de recitas, a celebre Bartet, da Comedia Franceza. É uma verdadeira victoria de empresario intelligente e habil que se pode usar de dar

admissão pelo chefe do Estado a quem entregaram diplomas de socios protectores para El-Rei e para a Rainha.

Aos portuguezes que foram a Madrid maior recepção lhes foi preparada. As autoridades esperaram-os na gare, as associações fizeram-lhes acolhimento entusiastico e no Circulo Mercantil houve em sua honra uma velada musical.

Estas duas viagens serviram a estreitar a amizade dos dois povos.

A tracção electrica

Inaugurou-se sob os melhores auspicios a nova viaçao.

A linha primeira explorada foi a do Caes do Sodré até ao Dafundo, e essa teve logo o mais entusiastico acolhimento. Os carros, cujo specimen damos hoje, ao pé de uns modelos de carros usados em Madrid e no Porto, para os leitores poderem ver bem que os mais bonitos, são realmente commodos e á noite, de um lindissimo effecto. Hontem comecaram a fazer carreira para a Avenida, antes do fim do mez estará estabelecida a linha até Santa Apolonia, e em breve se fará o percurso da Avenida para o Rato, seguindo ora pela rua Alexandre Herculano e Travessa de S. Mamede, ora pelas ruas do Ouro, dando a volta ao Caes do Sodré e subindo as ruas do Alcaem e S. Roque até S. Mamede.

Manobras de outomno

Comecam a 23 os exercicios militares, que durarão quatro dias, terminando pela revista geral das tropas passada pelo chefe do Estado, que depois convidará para um almoço toda a officialidade que n'elles toma parte.

O inimigo, figurado por uma força de 997 praças e 236 soldpdes, sob o commando do general João Eduardo Augusto Vieira, fórma nas proximidades de Mafra, dispondo-se a mandar algumas tropas em direcção a Cascaes, afim de proteger o desembarque dos reforços. Uma brigada mixta opera ao sul da serra de Cintra, entre a ribeira da Lage e o rio Doce, contraria

gueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande e Alvaizere, e a segunda sobe a conservação da esc la districl de Leiria.

Mangualde — Um caçador d'esta villa, Victorino de Paula Ferreira, batia umas propriedades entre a estação do caminho de ferro e a povoação de Cabos, quando um dos cães que o acompanhavam caiu a um poço bastante fundo, mas com pouca água.

Uma rapariga que andava na propriedade desceu ao poço a tirar o cão, agarrada à vara mas esta partiu-se e o Victorino caiu ao poço, onde esteve durante seis horas na companhia da rapariga e do cão e onde os três passariam a noite se não apparecessem um homem, que, por felicidade, ouviram os desesperados sons de uma corneta de caça de que o caçador se achava munido.

Mirandella — O importante capitalista do Brasil, o sr. Francisco Antonio da Silva natural da povoação de Mascarenhas, d'este concelho, mandou canalizar as aguas na povoação, dividida em diversos tanques, para a lavagem de roupa, para beber o gado e para consumo domestico. Foi encarregado d'este trabalho o sr. Augusto Faria, conductor de primeira classe das obras publicas. O terreno para este melhoramento, que pertencia ao sr. visconde de Fosco, foi generosamente offerecido por este cavalheiro.

— Foi despendido o conservador do registo predial para esta villa, o dr. Olympio Guedes de Andrade.

Monorco — Em audiência geral responderam no sabbado Alfredo Ferreira e Almada, de Lagoaça, accusados de passar notas falsas. Foi condemnado o primeiro em cinco annos de Penitenciarium, e o segundo em quatro.

Portalegre — Foram muito brillhantes as festas para solemnizar a inauguração da cidade, illuminada a luz electrica.

Na Avenida de D. Carlos I houve jogos de agua com uma cascata ao centro do lago, simulando rochedos, que produziu lindo effeito.

A kermesse esteve concorridissima, vindo a esta cidade forasteiros em grande numero. Houve alvoradas, musicas, bollos, illuminações etc. Portalegre parecia uma capital.

Pvoa do Varzim — Parie breve para a Bahía o commendant Manoel Francisco de Almeida Brandão, importante negociante n'aquelle praça.

— Casou o sr. Mathias de Lima e Silva, proprietario de uma tearnoria, com a sr.a D. Maria da Assumpção Nogueira, filha do sr. José Francisco Nogueira, proprietario e industrial, tambem d'esta villa.

Villa Nova de Famalicao — Chegou do Rio de Janeiro, onde é negociante, o sr. Avellino de Faria Martins Branco, d'esta villa.

— Quebrou uma perna, o proprietario João Ferreira de Araujo.

— Regressou do Rio de Janeiro, onde é ha muitos annos empregado no commercio, o sr. José Ayres Gomes.

Fallecimentos

Lisboa—O veterano Antonio Jorge, com 9 annos; Getrudas Luiza Pereira de Moura; D. Emílio Lopez, hospedeiro; Senhorinha da Conceição Antunes; Lucas Augusto Pinto; Francisca Romana Encarnação Fonseca; Maria Margarida das Dôres Felicidade Loureiro; Justino dos Reis; Alexandrina Rosa da Cruz Marques; José Joaquim de Almeida Evaristo; soldado de artilheria, José dos Santos; Maria das Mercês Barbone Formoso; Maria Rosa Gomes de Sella; Manoel Maria Rodrigues Leite; Mariana Joaquina Lopes de Campos; Justino da Rosa Leite; João Antonio Ferrandes; Maria da Conceição Ferreira d'Almeida; Maria Rosa Monteiro; Maria Joaquina da Silva; Anna Isabel da Costa; D. Thezera de Jesus dos Santos; Glória de Carvalho Magalhães; Maria Rogo; Antonio Manoel de Almeida; Albino Martins Cardoso Silva; dr. Maximiano Falcão; D. Carlota Emilia Lapa e Silva; D. Mariana Justina Dias Seixas; D. Joaquina da Silva Brão Alves; o menino Alvares de Silva Castro; D. Sarai da Assumpção Torres Pires; D. Florinda Valente de Almeida; Horacio do Nascimento Mendanhães, gruniter; Adelinda de Jesus; José Maria da Pedrosa; Horacio do Nascimento; Jacintho da Silva Ramos; Ludovina Augusta da Silva; Maria José Martins; Isabel Ramos; Jose de Carvalho; Luiz Alves Valerio; Belmira Augusto da Silva Xavier; Diogo da Conceição; Marianna dos Anjos; Maria Domingas de Freitas; Guilhermo; Lourenço de Bastos; Benhamio de Almeida; Luiz Augusto Lemos; Felismina da Conceição Henriques Garnerio; Manuel Mendes Barata; Sebastião May F. guera; Evaristo Jorge; Antonio Manuel José da Rocha; Leonor Carolina Martins Gonçalves; Justiniano Antonio de Sequeira; José de Almeida Caldeira; o menino Raul Ferreira; Inês; sr.a Maria Celestina; Euzeneta Fernandes; Seraphim Gonçalves, cabo de marinha ro; José Moraes; João Pires; Joze de Miranda; Augusto Nunes da Silva; Feliz José Coelho, humo estudante; Maria Theresia dos Reis; o menino Carlos Seixas; José Augusto de Carvalho; Henrique Horacio Cardoso; Joaquin Maria Banderet; José Diniz; José Julio da Silva; D. Anna Joaquina Mendes; Francisco Billar dos Santos; Joaquim Candido de Souza; Luiz de Meilo e Castro; José Julio da Silva; Maria Paula Pereira; João Mendes de Faria; Maria Laura Braga da Maternidade; Henriques Gonçes da Silva; Antonio do Nascimento; Frank Russell Mixon.

Alice do Ciaó; Catharina Mendes Callado.

Altoz—José Texeira Azevedo.

Albergaria-a-Velha—Manoel Joaquim Alves.

Alcobaça—Diogo Lúiz de Abreu Brandão.

Ancora—Sebastião Faria Machado.

Arraolos—José Gonçalves da Silva Carvalho.

Braga—Domingos Martins Leite; José Marques; Isabel Ramos; Paulo Pinheiro; Argento, José Antonio de Carvalho; Manoel Antonio Costa.

Bombal—José Máximo Duarte.

Bombal-a-Velha—Feliciano da Encarnação Guerra Velho.

Coimbra—Lourenço Eloy; Florinda Augusta da Fonseca Saraiva, capellão da Sé; José Luiz Lopez; Luiz Ruyvo de Pi-guetreiro; Ignacio Augusto Andrade Mendes Pinheiro; Alexandre C. Brai; José Simões de Carvalho Pio.

Chaves—Maria da Assumpção de Andréa Gámeiro.

Evora—Maria Baptista Ferreira.

Estremoz—Monol Marques Correia; Anna de Almeida.

Figueirido—Foz—José Perramos; Thomaz; Humberto de Pi-guetreiro; Ignacio Augusto Andrade Mendes Pinheiro; Alexandre C. Brai; José Simões de Carvalho Pio.

Serra d'El-Rei—Joaquim da Costa Leal.

Sines—Antonio Sobral.

Torre Vedras—José Filipe Capote; José Baptista da Costa; Antonio da Piedade Franco Abreu; Antonio Gomes Fivelino.

Tomar—Julia Verdier Portocarrero.

Trancoso—Maria da Assumpção Correia Leite de Faria.

Viana do Castello—Maria José Maria; Gaspar Ruy Machado; Manoel José Miranda Abrantes, proprietario.

Villa Nova de Cerqueira—Rev. José Tristão e artina Vicente.

Villa Nova de Gaia—Henriques Gomes da Silva.

Villa Nova de Paiva—Joaquim Fonseca Pinto, commerciante.

Valladaes do Minho—João de Araujo Lino; Manoel Antonio Alvares de Souza.

Valle Maior—Francisco Marques de Almeida.

Villa Nova de Famalicao—Luiz Monteiro Pinto Basto.

Um camponio recebe uma carta de grande segredo. Como, porém, não saiba lêr, procura o mestre-escola da sua aldeia.

— Faca favor, diz-lhe, de me lêr esta carta, mas como ella é de segredo, ha-de tapar os ouvidos enquanto a lê, pois não me convém que voce-mê fique inteirado do que se diz.

As mulheres são um bouquet de magnolias, cujo aroma nos atráe e nos embriaga.

BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS

O sr. Antonio Maria Costa, proprietario da conhecida *Tâbaccaria Costa*, na rua do Ouro, 295, está prestando um bom serviço com a divulgação por meio de bilhetes postaes illustrados de tudo o que diz respeito a costumes, monumentos, usos, belemas naturaes, do nosso paiz.

Agora deu elle a publico uma nova collecção de 28 bilhetes postaes que fazem parte de uma serie formada até hoje por 120 assumptos diversos.

Inutil é encarecer as vantagens d'esta utilissima propaganda.

Lamentado-se um sujeito a outro de que seu amigo, tendo obtido um logar importante já não o tratava com amigo, disse-lhe:

— Então não vê que, quando qualquer sóbe uma escada, volta as costas aos que ficam em baixo!

Estando o conde de Sortella por embaixador em Castella, perguntou-lhe um dia Carlos V, gracejando com a pequena extensão do territorio portuguez, e querendo dar-lhe a entender que a dois passos se encontrava sempre a Hespanha:

— Quando se levanta uma lebre em Portugal, onde a vão matar?

— Na Índia, senhor, he replicou o representante da nobre corte portugueza.

Cavaco entre dois veteranos



1 — Eu estava em combate ..

2 — De repente vejo approximar-se o inimigo...



3—Levo a mão aos copos da espada...



4—Ssaco-a da bamba...



5—E zás...



6—Era uma vez uma planta... Tableau!

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

XVI

A promessa

Panilo, depois da operação, ficou rigorosamente incomunicavel. A exceção do pae, ninguém entrava no seu quarto. Nela ia quatro e cinco vezes por dia saber notícias do doente, mas não passava do pateo, e ahí esperava que alguém a informasse do seu estado. Florentina era quem lhe fornecia pormenores do tratamento, e por vezes saíam juntas.

Em um d'esses passeios curtos, pelas immedições de Aldecorba, Florentina mostrou desejos de vér a casa em que Nela residia, e foi com ella até á moradia do sr. Caetano. Essa visita causou-lhe tristeza e indignação, sobretudo ao vér as canastras em que a pobre orphã passava as noites.

—Has de ir viver em minha companhia, disse-lhe ella, saindo precipitadamente d'aquelle antro. Quero que durmas n'uma cama, e que te vistas e te alimentes como nós.

Estas palavras causaram não pequena surpresa á dama Centeno e ás suas respeitaveis filhas, que logo suppozeram que a Nela sahira a sorte grande na papper d'um pae mysterioso, que seria rei ou príncipe, como acontece nos contos de fadas.

Logo que se viu em pleno campo, Florentina dirigiu-se a Marianela:

—Pede a Deus por meu primo, Nela, para que lhe conceda vista. Só assim terminará a nossa anciedade. Só assim nos sorrirá a felicidade e se remediário muitos males. Eu fiz uma promessa a Nossa Senhora. Prometti, se Paulo se curar, recolher o pobre mais pobre que encontre, dando-lhe tudo que possa concorrer para que esqueça a sua miseria, e fazendo-o igual a mim. Não me limitarei a vesti-lo e a sental-o á minha mesa. Ha outra esmola que vale mais do que tudo—á consideração, a dignidade, um nome honrado. E' isso que eu darei ao meu protegido, incutindo-lhe a estima e o respeito por si proprio. Serás tu a minha protegida. Prometti a Nossa Senhora que seria minha irmã. Sel-o-has. E Florentina estreitou nos braços a orphã, beijando-a na testa.

E' absolutamente impossivel descrever as sensações que Nela experimentou n'esse momento culminante da sua vida. Um horror instinctivo affastava-a da casa de Aldecorba, horror que, como n'um sonho se confundia com a imagem de Florentina. Mas ao mesmo tempo nutria por ella uma admiração e sympathia irresistíveis. Na sua pueril innocencia via em Florentina a propria essencia da Virgem, e, de tal modo phantasiava a sua bondade, que se lhe afigurava ver, como n'um céu aberto, a alma de Florentina, cheia de pureza, de amor, de virtudes, de pensamentos consoladores. Nela comprehendia cegamente que não devia odiar a sua improvisada irmã. Ao contrario, sentia que a amava com todas as forças da sua alma. Á aversão e a repulção eram como um sedimento que se precipitaria para por fim se decompor e desaparecer o cujos elementos concorririam para mais enraizar a admiração e o respeito que Florentina lhe inspirava. Desappareia a aversão, mas subsistia o sentimento que a originára, e que, não podendo viver nem manifestar-se isoladamente, com o despotico exclusivismo que caracteriza estes sentimentos, produziu em Nela um profundo deslento e tristeza. E era tal essa melancolia que

até os Centenos notaram que Nela não comia, que se mostrava abstrata, silenciosa e immovel como uma estatueta, e que deixára de cantar, ella que tão alegre fora sempre. Tornára-se absoluta a sua falta de getto para tudo. Em certa occasião Tanasio mandou-a comprar cigarros a um estanco. Pois Nela, esquecendo-se do recado, sentou-se no caminho e por lá ficou até á noite. Uma manhã, oito dias depois da operação, passando em frente da casa do engenheiro chefe, ouviu que a chamavam. Era D. Sophia Gólfim que lhe disse:

—Alviçaras, rapariga. Sabes a noticia? Tiram hoje a venda ao Paulo, e dizem que já vé. Quem o contou foi o Ulyses, o chefe da officina. Meu cunhado ainda não viu. O Carlos foi para Aldecorba. D'aqui a pouco saberemos a verdade.

Nela ficou mais morta que viva, e exclamou pondo as mãos:

—Bem dita seja Nossa Senhora, que fez o milagre! Foi ella só, mais ninguém!

—Deves sentir uma grande alegria. Ora! poderes não! Agora a menina Florentina não deixará de cumprir a sua promessa! disse Sophia em tom de moça. Muitos parabens á sr.ª D. Nela! Já tu vées que quando menos se pensa, Deus lembra-se dos pobres. A vida é como as loterías. Apanhas o premio gordo, Nela! Aposto que não saberás ser agradecida. Não ha soberos que não seja mal agradecido. Todos uns soberos, e certo mais se lhes dá mais querem. O que é certo é que o Paulo casa com a prima. Um bello par! Ambos muito galantes! Ella parece esperta e tem um palminho de cara muito appetosa. Mas faz pena vér aquella carinha e aquelle corpo com tão horrosos vestidos! Não era eu quem quereria obra feita pela tal modista de Santa Irene de Campo...

N'este momento entrou Carlos Gólfim. Todo elle era alegria.

—Victoria! bradou elle, mal chegou. Depois de Deus, viva o Theodorou!

—Então sempre é verdade?

—Tão verdade como é certo que nos alumia o sol. Eu quasi não queria acreditar. Que triumpho, Sophia! que triumpho! Não ha para mim maior prazer do que ser irmão do meu irmão! E' o rei dos homens! Depois de Deus, elle! digo-t'o eu!

XVII

FUGITIVA

A noticia do milagre correu rapidamente em Socartes. Não se fallava de outra coisa nos fornos, nas officinas, na casa das machinas, no plano inclinado, no fundo das minas; nos casaes da serra, ao ar livre e nas entranhas da terra. E os commentarios com que era contado e reconto do grande acontecimento! Dizia-se que o pae do cego estivera quasi a perder o juizo, que o irmão projectava celebrar o acontecimento com um banquete a todos os trabalhadores das minas, e que finalmente o dr. Golfim era digno

de ser adorado por todos os cegos havidos e por haver. Nela não se atreveu a ir a Aldeacorba. Uma força mysteriosa e irresistivel affastava-a d'aquella casa. Durante todo o dia andou vagueando pelos arredores da mina, espiritando de longe a casa dos Penáguila, que lhe parecia transformada. Sentia a alma inundada de uma alegria a que se alliaa uma especie de vergonha de si mesma.

A exaltação de um sentimento nobre juntava-se o, digamos assim, o preceito do seu susceptivel amor proprio. Foi por isso que procurou freguas ás luctas que a torturavam na herida solidão que tanto contribuiu para lhe formar o caracter; e na contemplação da Natureza, que desde pequena pozera o seu pensamento em communicação directa com a Divindade. As nuvens galopando no azul, e as flores dos prados produzindo no seu espirito o effeito que em outros produzem as pompas dos altares, a eloquencia dos oradores sagrados, e a leitura de subtile conceitos mysticos. Era no isolamento dos cam-

pos que Nela mentalmente dizia mil coisas que mal suppunha serem orações:

—Nunca mais lá irai... murmurou ella, olhando para Aldeacorba. Nunca mais... acabou-se tudo para mim... Para que sirvo eu agora? Para nada... Nela comprehendia que a tempestade que se levantava dentro da sua alma provinha de não poder aborrecer alguém. Ao contrario, sentia a necessidade de amar amigos e inimigos. Pobre Nela! Como os abrolhos se transformavam em flores mal lhes tocava a mão milagrosa de uma martyr christi, assim ella via que os seus telos e o seu despeito se convertiam em admiração e gratidão. Só não se transformava esse sentimento confuso a que chamamos vergonha de si mesma, e que a impellia a fugir de Aldeacorba—sentimento que tanto se assemelhava ao que nos seres civilizados chamamos amor proprio. Na orphã esse sentir baseava-se, como em todo o homem culto, na sua dignidade instinctivamente meticulosa. Outrem, que não fosse ella, exprimir-se-hia assim: (Continúa,

VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO
Premiados nas exposições
Londres, 1862; Boston, 1873 e 1876; Phila, 1876 e 1877

ANTIGA CASA
PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERCIO
Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolfas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

H. PARRY & SON
Construção de navios de ferro e aço
Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUTRO DE JULHO, 36
LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS
ESTABEIRO NO GINGAL

PINTO ALVES & C.^A
(Casa fundada em 1870)

PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brazil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades →

RUA DO ALECRIM, 111, 1.

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1889. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 5.000.000.000 rs.

12.000.000.000 réis

De dividendos pagos desde 1888 até 1905

PREMIOS E MENÇÕES 5.000.000.000

Seguros contra Incendio, capitulo de gar

de mar

Equipar Atletricos e Union Maritimas

Companhia Anonima de Seguros de Incendio e de Seguros de Transporte de mercaderias

Directores — José Miguel & Filhos
Lisboa — Rua do Prata, 25, 26

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

1, Rua das Flores — Largo de Quinteio

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

Companhia Geral de Credito Predial Portugues

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 10

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %, de 10 a 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 %, e commissão de 1/2 %, de 1 a 9 annos. Depósitos: commissão a prazo em 4 ordens, vencendo 1/2 %, 4 ordens a 3 %, ao prazo de 3 meses; 3/4 a 6 e 4 %, ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está instalada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos J.º

Porto

Casa fundada em 1872

Premiada com os primeiros premios em todas as exposições.

CESAR A. PAIVA

ODONTOLÓGICO

SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.º LISBOA

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

Rua de St.º Antonio 39
Rua St.º da Bandeira, 39

Estabelecimento dentro do mesmo predio. Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congêneres do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

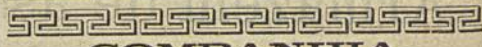
← ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO →

Rua do armo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa

JOÃO BASTOS & C.ª

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º



COMPANHIA PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

Dr. Manoel Gomes Matta
DIRECTORIA Joaquim Dias Fernandes
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE — RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

